



31761 06184600 2





Point 55  
7

BIBLIOTHECA DRAMATICA  
ou REVISTA THEATRAL

# Alcacer-Kibir

DRAMA HISTORICO, EM VERSO, EM 3 ACTOS

ORIGINAL

JUAN DE CAMARA

LISBONA — REVISTA THEATRAL



LISBONA  
REVISTA THEATRAL  
RUA DO CARMO, 76  
*Antiga casa Bertrand — Edifício*  
1885



# Alcacer-Kibir

DRAMA EM 5 ACTOS,

EM VERSO

IMPORTEADO PELA PRIMEIRA VEZ NO THEATRO DE D. MARIA II  
NO 14 DE MARÇO DE 1801







BIBLIOTHECA DRAMATICA  
DA REVISTA THEATRAL

Nº 1

# Alcacer-Kibir

DRAMA EM 5 ACTOS, EM VERSO

ORIGINAL

JOÃO DA CAMARA

LISBOA  
REVISTA THEATRAL  
RUA DE CANHO, 7<sup>o</sup>  
*Antiga loja Bertrand — Editora*  
1865

## ACTORES

EL REI . . . . .	A. Pipheiro.
CANTAL . . . . .	Ferreira da Silva.
D. FUIAS . . . . .	E. Brazão.
CONDE D'OMA . . . . .	J. Rosa.
D. GUIDO . . . . .	E. Magalhães.
BELTRÃO . . . . .	A. Rosa.
GAI PAR . . . . .	A. Antunes.
VASCO DA SILVEIRA . . . . .	C. Power.
MARTIM AFFONSO . . . . .	Buyard.
JOÃO DE CASTILHO . . . . .	J. Ferreira.
CHRISTOVAM DE TAVORA . . . . .	C. Rocha.
PEDRO . . . . .	J. Costa.
O ESTALAJADEIRO . . . . .	A. Bravo.
UM FAMILIAR DO SANTO OFFICIO . . . . .	C. O' Sullivan.
MARIA . . . . .	Virginia.
ANTONIA . . . . .	Rosa D'marceiro.
CATERINA . . . . .	A. Broadbent.
SANCHA MOCHO . . . . .	A. Viana.
A ESTALAJADEIRA . . . . .	A. O' Sullivan.

Homens e mulheres do povo, soldados,  
familiares do Santo officio, etc.  
Almeirim, 1578.



Livraria da Silva - Rua do Norte, 31 - Lisboa.



## ALCACER-KIBIR

### ACTO I

Um grande lugú em Alcácer. No primeiro plano à esquerda uma pequena igreja, tendo a frente, mais proximo do espectador a torre dos sinos, com a corda pendente. No segundo plano a estalagem. Rez do chão e 1.º andar, na frente um poço; junto a casa uma parreira. Sob a parreira mesas, bancos, etc. Daí indo direito a casa de Gaspar Montoia. Varanda no 1.º andar. Ao fundo arvores e valado. Por detraz o campo vasto. Entre as casas e o valado, visão privilegiável.

### SCENA I

O ESTALAJADEIRO, A ESTALAJADEIRA, CATERINA, PEDRO,  
HOMENS E MULHERES DO POCO

O ESTALAJADEIRO

Vamos, amigos, vinho!... E Deus ha de apiedar-se  
Rir! que é de festa o dia!

*Uma mulher*

O riso é mau disfarce  
Mais se chora depois!

*Outra mulher*

O meu querido neto!...  
Lá vai também!

*Primo, muito alegre*

Vai tudo!

*Um homem*

O mal era completo.

*Segunda mulher*

Ah! que Deus não destrua África e seus engodos!

*Outro homem, com resignação trônica*

Assim sera melhor. Se um chora, choram todos.

*O estalajadeiro*

Mas chorar para quê? Beber, comer e andar!

*Para um dos homens que está bebendo*

Que tal o vinho, ó mano?

*Primeiro homem*

E' bom.

*O estalajadeiro*

Vai devagar.

*Segundo homem*

Devagar vai-se ao longe

*Para Catarina que está conversando com Pedro*

Olá, cachopa! Vinho!

CATERINA

Lá vou, lá vou!

*Entra na taberna.*

SEGUNDO HOMEM

Feliz que não vaes ser, Pedrinho!

Teu sogro muito rico, a noiva uma belleza!

PRIMEIRO HOMEM

Achaste em Almeirim thesoiros de Venezuela!

SEGUNDO HOMEM

Um campino! Um ganhão! Porque arte ou manhas soube  
A fortuna prender que noiva assim lhe coube?

PEDRO

Dobra essa lingua, mano! Eu fui, bem sei, cabreiro,  
Mas ou morro na guerra, ou volto cavalleiro!

A ESTALAJADEIRA

Sonhos! Sonhos!

CATERINA, *entrando*

O vinho!

SEGUNDO HOMEM, *abraçando-a*

E agora, tonta, és minha!  
O Pedro dá licença... Um beijo cachopinha!

## SCENA II

OS MESMOS E BELTRÃO

*Ladrão, enredado.*

Tu, velho, vais beijando as raprigas ternas?  
 Vés longe... Parabens! Mal te sustenta nas pernas,  
 A tua boca é negra e cheira à cemiterio...  
 Mas vae beijando, vai!... Serás um noivo serio.  
 O melhor, quando, longe, em guerras contumazos,  
 Aos bichos derem bodo os corpos dos rapazes.

*Promo, correndo contra Beltrão*

Ave d'agoiro, cala a boca peçonhenta!

*A ESTALAJADEIRA*

Ladrão!

*PRIMEIRA MULHER*

Vibora!

*SEUNDA MULHER, para Pedro*

Atira um jorro d'água benta  
 A' cara do posesto!

*PRIMEIRA MULHER*

Infame!

*A ESTALAJADEIRA*

Cão!

*Promo*

Judeu!

*Ladrão*

Christão velho, alto lá! meu bisavo nasceu

Credo, um dia hei de rir para inda mais ralar-vos  
Pois, *Tu*

*Tu*, Pedro, segue o trilho á recova dos parvos

PRIMEIRO HOMEM

Falar da guerra assim!

SEGUNDO HOMEM

Da nossa guerra santa!

PRIMEIRA MULHER

Que tanto dor nos custa!

SEGUNDA MULHER

E tanta vida, tanta!

ESTALAJADEIRO

Onde chegas, Beltrão, ninguem come nem bebe!  
Para que é discutir? Nenhum de nós percebe  
Se a guerra é boa ou má.

SEGUNDA MULHER

Quantos homens perdidos!  
Sem filhos tantos pais! Mulheres sem maridos!

PRIMEIRA MULHER

No campo em vez do trigo hão de crescer os cardos.

BELTRÃO

Pombinhos socegæ; não faltarão bastardos.

## SCENA III

OS MESMOS, GASPAR E MARIA

MARIA, entrando

Meus irmãos, Deus vos salve!

CATHERINA, correndo a abraçala

A nossa linda joia!

Ja tardava... Onde foste?

Compreendendo Gaspar

Senhor Gaspar Montejo...!

MARIA

Ande pensando em ti...

CATHERINA

Sim?... O enxoval

MARIA

Sagrado!

ESTALAJADEIRA

Pois foi pena não vir vossa mercê mais cedo.

Aprendendo para Beltrão

E se homem, quando a ve, retém por seu respeito  
A peçonha da fada a requeimá-lo o peito.

SEGUNDO MUSICO

O que ele aqui nos disse?

SEGUNDA MUSICA

A tirar-se da virtude!

MARIA

Coitado! Desculpa-o.

*Apparecendo-se de Beltrão e tocando-lhe no ombro.*  
Adeus, Beltrão.

BELTRÃO, rudemente, sem olhar para Maria

Saudes!

*Vai escalar-se nos degraus da igreja, comendo um bocado de pão.*

GASPAR

Mas vós o que sabeis com respeito à toirada?

PEDRO

Dez touros haverá... Por Deus! Não ser eu nada...!  
Ao menos escudeiro! El-Rei se lá me visse...!

ESTALAJADEIRA

Cala a boca, meu genro.

CATERINA

E deixa essa tolice.

GASPAR

Entra na festa El-Rei correndo alguns garraios.

PEDRO

Tão negros como a noite e leves como raios!  
Bella festa! mas Deus nol-as dará mais bellas,  
Quando eu voltar da guerra ao som das charamellas!

MARIA

Aqui veem almoçar e ver passar os bois  
D. Guido...

BELTRÃO

Mais um tolo.

MARIA

E o Conde...

*Bela noite*

*Então saindo.*

*ESTALAJADEIRO*

Senhora, mais alguém?

*Maria*

D. Fuias é a sobrinha.

*ESTALAJADEIRO*

Vou tudo preparar! A grande festa é minha!

*Maria*

Ate já, Caterina.

*Caterina*

Adeus, minha senhora.

*ESTALAJADEIRO, para Pedro*

Vens comosco também!

*Pedro*

Um tolo se não for.

*ESTALAJADEIRO, para a estalajadeira e Caterina*

Eu desço à adega; a vós contio os meus abano.

*As mulherei*

Adeus!

*Os homens*

Ate depois!

*ESTALAJADEIRO*

Ate depois, ó manos!

O estalajadeiro, a estalajadeira, Caterina e Pedro entram na quinta-parte.  
Maria em casa de Gaspar, a dona e as mulheres saem pelos dois lados da porta.

## SCENA IV

BELTRÃO E GASPAR

*(GASPAR, parando no meio da cena, sorrindo)*

Em que pensas, Beltrão?

BELTRÃO, *com abstracto*

Duas razões procuro:

Porque uns comem pão molle, e eu como-o sempre duro.

GASPAR

Um dia alguém descobre, ao ver esse ódio ás gentes,  
Que segues outra lei, que sem vergonha mentes.

BELTRÃO

Queres então que eu seja, e nem sequer me queixe,  
Imovel como a pedra e mudo como um peixe!

GASPAR

Erraste o teu caminho.

BELTRÃO

Errei! . . Tens graça!

GASPAR

Um dia

Verei no potro infame um perro na agonia.  
Ódio, insultos, traições, calumnias escouceias!  
N'alma a peçonha tens que um sapo tem nas veias.  
Sonhaste uma vingança? E eu? Julgas que a não sonho?  
Mas penso no porvir, e o teu será medonho!

BELTRÃO

Eles teêm contra nós os seus inquisidores,

Notários, alquavis, meirinhos, promotores,  
 Ai prínces, os polés, os potros e a fogueira;  
 Eu tenho tão somente a minha raiva arteira.  
 A' lucta!... E en vencerei, virando contra os outros,  
 Meirinhos, alquavis, prínces, polés e potros!  
 Sabes lá quanto pôde um ódio de marrano?  
 Dize a tua vingança.

## LIVRO II

Escute. Vai n'um anno  
 Que eu voltei de bem longe. Andei por toda Hispania  
 França, Flandres, Polónia, Itália e Gran Bretânia.  
 Por toda a parte vi, na treva ou plena luz,  
 Jesus contra Moisés, Moisés contra Jesus.  
 O christão vence agora; um dia, não sei quando,  
 Hão de vel-o no vencido as botas recovando.  
 Por toda a parte vi, na viella mais escura,  
 Negras tocas equaes a fundas sepultura.  
 Vive na sombra a Iera, aborto que simelha  
 A raposa, a toupeira, o mocho, o tigre e a abelha.  
 Vae minando tenaz, faminto, inquieto, a espreita,  
 Fechado no covil, à minima suspeita.  
 Vae minando, minando... humilde como um cão,  
 Enquanto o dono é perto e tem o açoite à mão;  
 Vae minando, minando... o delírio acode-o.  
 Tem unhos de chace, e range os dentes, d'odio!  
 Que importa? Vai minando... e se encontrar o inferno...  
 Ha muito já conhece o ardor do fogo eterno.  
 Já vitória cantou no bárauthro profundo,  
 E bem sabe que um dia hâ de arrazar o mundo.  
 Já viste um gangrenado e como a simples mancha  
 Se alastrá peçonhenta e o corpo lhe de murchidão.  
 Negro furo, abrindo em múculos inertes,  
 Daquella podridão surgem mil hões de vermes.

Pois bem, por toda a parte anda a morte veloz,  
 O mundo é gangrenado e os vermes somos nós.  
 A mim, não sei quando, ha de explodir medonha.  
 Enquanto o mundo dorme e o barbáro mal sonha  
 Que n'esse instante vae surgir ao nosso povo,  
 Soberba da victoria, a luz d'um dia novo!  
 Ribeiras correrão dos montes junto ás faldas  
 De perolas, rubis, saphiras, esmeraldas.  
 Expulsa a terra prenhe o vingador que encerra!  
 E o judeu, livre emíson, será senhor da terra,  
 E d'essa raça vil, cobarde, infame, idiota,  
 Que ante o bezerro d'ouro ha de ajoelhar devota!

BELTRÃO

Vem tarde... Não verei... Prefiro outra vingança  
 Mais minha... muito minha... e só minha. Descança  
 Que has de vel-a, e talvez... Mas amigo, és tão vario  
 Nas ideias que tens, que pregas o contrario  
 Das obras, frei Thomaz.

GASPAR

Sigo na vida, é certo,  
 O caminho que achei mais facil e mais perto.  
 Bem e, bem diferente embora. Minha filha...

BELTRÃO, IRONICO

E' mais christã que o papa e os anjos maravilha!

GASPAR

Que importa? se tiquei, de muito estudo à troco,  
 Acreditando... nada em Deus, no diabo... pouco.  
 E' christã... Pois melhor!

BELTRÃO

Dizes... melhor!

## GAIAR

Sim, digo,

Que o manda o Cardal, nosso potente amado  
 Quanto era minha espousa afecta á lei monica,  
 Recordas-te, Beltrão. Não tinha a raça hebria  
 Em todo Portugal sectaria mais ferrenha.  
 Se vira os velhos pais em cinzas sobre a lenha  
 A qual o proprio rei lançara o fogo santo!  
 Corri para a mulher que tanto amava, tanto!  
 N'esse dia casei-me e logo n'esse dia  
 Louca de pranto e amor, Rachel gerou Maria.  
 A força de mentir vivemos socegados,  
 Avorros ratinhando um cento de cruzados.  
 Nasceu Maria... Egnas a dois ferinos lobos,  
 Uivámos de rancor, lançámos mão dos roubos.  
 Roubei na estrada, vil, no lodo subverti-me!  
 Tinha o amor d'uma filha a desculpar-me o crime!  
 Continuámos mentindo e a filha d'este amor  
 Educaram n'um claustro as servas do Senhor.  
 Temi fosse indiscreta, e eu fui talvez cobarde...  
 Quiz depois acudir-lhe... Era christã... Foi tarda!

## BELTRÃO

Já te esqueces, judeu, d'uns cães que o ouro atrai?  
 Rebuscando ouro em pó nas tripas de teu pão?

## GAIPAR

Sim; preciso olvidal-o.

## BELTRÃO

E quando, monstro horrendo,  
 A fogueira infernal, pobres roupas lambendo,  
 Ao bruto rijo expoz da gente maltrapilha  
 O ventre que gerara a mãe de tua filha?

GASPAR

Quero olvidar também.

BELTRÃO

E os autos d'Olivença?  
Teus parentes a uivar na fumarada intensa?  
E para ser completa a festa e mais christã,  
Ai connas que houve a tarde e os toiros de manhã?

GASPAR

Quero olvidar também.

BELTRÃO

Não vens da nossa raça!  
Teu pae foi parvo sempre e tua mãe devassa!  
Filho ... de Belial!

GASPAR

Beltrão!

BELTRÃO

De terra em terra  
O eterno caminhar... e em toda a parte a guerra!  
São balisas na estrada, onde passaram nossos,  
Um terrapôs no tojo, os cães roendo uns ossos!  
E é christã tua filha!

GASPAR, malicioso

E linda!

BELTRÃO

Oh! ca'a-te!

GASPAR

Homem,

Tem paciencia; outros mais por ella se consumem.  
Mas um d'elles...

BELTRÃO

Já sei.

GASPAR

Grande nome, fortuna,  
Valimento, afeições, não sei quem mais reúna,

BELTRÃO

Um familiar! A cobra atroz, que nada acalma  
E as entranhas lhe roe, pariu-lhe um filho n'Im.  
Conheço-lhe a molestia e não lhe dou remedio.  
O seu rancor ao mundo o meu rancor excede o!  
Nem te lembram talvez as ordens do talmude  
«Ó filho d'Israel, assim que Deus te ajude,  
O christão maldiras tres vezes cada dia.  
Devoto, vae rezando a tua Ave-Maria.  
O sino não te fala, idiota, como julgas!  
Ha rosas pelo campo e no meu leito ha pulgas!  
Malditos sejacs vós que conhecéis o beijo  
Na boca da mulher! Maldito o meu desejo!  
Eu sou quem puxa a corda e vae pelo quebrado  
Echoando a maldição que solto às gargalhadas!  
Maldição!... Tim, tim, tim!... Maldição!... Tim, tim, tim!

*Entra n'este momento D. Fruas, o Conde, D. Guido e Antónia querer, rindo  
bater no hambro de Beltrão.*

ANTÓNIA

Que dizes?

BELTRÃO, voltando-se e mudando de tom

Que hoje ouvi: Chapim, chapim, chapim!  
Canta o chapim, ha chuva e é mau para azeitona.

*Entra na igreja*

## SCENA V

**GASPAR, D. FUAS, o CONDE, D. GUIDO, ANTONIA, e depois  
o ESTALAJADEIRO, a ESTALAJADEIRA, CATERINA e PEDRO**

*ESTALAJADEIRA, entrando*

**Senhores, que ordenaes?**

**D. Guido**

Esplendida matrona,  
Queremos boa assorda, uns ovos, rins na grelha,  
Um mar de vinho, e um beijo.

*ESTALAJADEIRA*

Olhae, não sou tão velha  
Que por moça o digaes.

**D. Guido**

Quero labios mais novos.  
Trazei-nos vós o vinho, a assorda, o rim e os ovos.  
Natercia me dará, conforme o seu costume,  
O beijo que eu pedi.

*PEDRO, entrando*

Mais devagar! Presume  
Então vossa mercê que é só pedir por bocca?

*ANTONIA, rindo*

Ei! o noivo, cuidado!

**D. Guido**

Ó cabecinha louca!

## ASTORIA

Deixa-o, Pedro, falar, e aquietá os zelos, tonto,  
Que tão pouco, se os dera, os meus não tinham como

D. Geraldo, para Antonia

Quando osculo o teu labio, aspiro, ó minha fada,  
Sobre rosas d'Hungria o orvalho da alvorada!  
Nossa lua de mel, no campo onde se alteia,  
E' sempre lua nova e é sempre luis chama!

CATERINA, entrando com o estalajadeiro que veio para a noiva  
Deus vos salve!

D. FERNANDO

Florinha!

## CATERINA

A festa se faltava.  
Era triste o meu dia.

ANTONIA

Alegrias são faccias  
De noiva ao pé do noivo.

CATERINA, rindo e apontando para Pedro

O imperador dos parcos!

PEDRO

Se eu não lhe sei falar... ! Mas posso aqui jurar-vos:  
Baço, coração, bole, entranha, tudo é d'ella!

D. Geraldo, para Caterina

Se um dia te dá fome, engole a calidez.

PEDRO

D'Africa hei de voltar, e quanto, senhor D. Gualdo,

Repare antes de rir se o riso é mal cabido.  
 Vive Deus! que ha de ver, mais dia menos dia,  
 Uma cruz no meu peito, e então... talvez não ria!

## D. FUAS

Falas bem, meu rapaz! E o teu denodo prova  
 Que ha coragem, por Deus! na minha gente nova!  
 Mostra aos cães de Masoma, em desegual batalha,  
 Quanto pôde o valor contra a soez canalha.  
 A' fé! gostei de ouvir-te! E's bravo e homem de guerra,  
 Capaz de me expurgar de perros toda a terra!  
 Aperta o escudo, a lança abaixa; em só dois credos  
 Verás morder o pó toda a legião dos tredos!  
 Se andares bem com Deus, Deus te dará bom pago.  
 E, quando El-Rei por sim te der o S. Thiago,  
 Invoca a tua dama, a que é, por vida minha,  
 Tão formosa e sem par, digna de ser rainha!

## CATERINA

Sempre gentil!

## ANTONIA

Cantando as gentes, como Ariosto,  
*Le donne, i cavalier, l'arme, gli amori.*

## D. FUAS

Um gosto  
 De cavalleiro digno

O ESTALAJADEIRO, que estiver preparando a meia  
 O almoço, meus senhores!

## D. GUIDO, para D. FUAS

Tempo é da assorda e não de poemas e de amores,

D. Fuss Palmeirim!  
*Offerreendo o braço a Antónia.*  
 Princesa, minha joia!

Conde

Tendes aqui logar, senhor Gaspar Montoia.

GASPAR, cumprimentando

Meu senhor, beijo as mãos de Vossa Senhoria  
 A minha filha espera. Almoço com Maria.

Cumprimenta e sae.

## SCENA VI

Os mesmos menos GASPAR

Sentam-se à mesa e são servidos pelo estalajadeiro, estalajadeira, Caterina  
 e Pedro que entram e saem conforme for preciso

D. Guido, para o Conde

Convidas um judeu!

Conde

D. Guido, irmão, lembrar  
 Quanta vez te sentaste à mesa de Gaspar.

D. Guido

E' certo; porém tu, modelo a familiares,  
 Sempre contra judeus um mane-thecel-phare!...

Conde

Gaspar é bom christão

D. Guido

Veneras o teu santo.

**ANTONIA**

Santo!... Simples altar que beija por emquanto.

**CONDE**

Antonia!

**ANTONIA**

Ha muito, irmão, que nos teus olhos vejo  
Marejar docemente um singular desejo  
Pois não sabes que eu tenho um dedo que adivinha?

**D. Guido**

E teu dedo o que diz?

**D. FLAS**

Reconta-nos, sobrinha.

**ANTONIA**

Era uma vez um Conde. Illustre, rico e bello,  
Vivia só no campo, occulto em seu castello.  
A noite em que nasceu, minguada estava a lua,  
Tingindo d'oiro o lucto á nuvem que fluctua.  
Um mocho sem parar piava afflito ao longe  
A magua em que o mergulha o seu viver de monge.  
O Conde foi crescendo; ornava-o triste dom,  
Em triste já vencera a D. Kirieleison.  
Seu pae mandou recado aos mais illustres sabios  
Que ao céu, sem mais demora, erguessem astrolabios.  
E os sabios lá no céu não leram que destino  
Pudera dar tristeza á fronte do menino.  
Seu pae mandou recado ás fadas da floresta,  
Mudassem n'outro lume estrella tão funesta.  
E as fadas, sobre o rio entoando um epicedio,  
Disseram não saber ao mal nenhum remedio.

Por isso o nobre Conde, illustre, rico e bello,  
Vivia só no campo, occulto em seu castello.

D. FIAS

Bravo, sobrinha! O dedo é lido nos romances!

D. GILDO

Venha o final da historial

*Conde*

Irmã, não mais te cances,  
E cala-te, era má!

*ANTONIA, rindo*

Cá fico pedra em poço!

D. GILDO

Bem fôra o trovador cantar ao nosso almoço

D. FIAS

Bem fôra, mas o Conde, amigo da tristeza,  
Não consente que o riso assista á nossa mesa.

*Conde*

Se tudo me quer mal!

*ANTONIA, com ternura*

Magoei-te, irmão!... Perdoa!  
Bem sabes que eu sou doida!

*Conde*

Antonia, sei que és boa,  
Tão santa que eu quizera, em extasis beato,  
Orando á mãe de Deus, ver n'ella o teu retrato.  
Fôra o meu pensamento alegre como o vosso!

Quizera, sim, por Deus! quizera... mas não posso!  
Bem vêdes, vim também... Era de festa o dia...!  
E a minha má ventura agouou vossa alegria!

ANTONIA

Porque soffres, irmão?

CONDE

Porque...? Nem sei.

D. FUAS

Loucuras!

A molleira em dureza igual ás penhas duras.

PEDRO

O dia é lindo e logo ha toiros, ri-se a gente!

D. GUÍDO

Bem-dito seja o riso!

D. FUAS

Até se o riso mente!

*Para Pedro*

Falas bem! Vinho! E leve as maguas Satanaz!

D. GUÍDO

É rir, beber!

D. FUAS, *para Pedro*

Aos teus amores, meu rapaz!

ANTONIA

Não bebes, Caterina aos teus amores?

D. FUAS

A ordem  
É vinho a todos! Enche os copos que trasbordem!

Bebe, meu Conde; asoga em vinho a tua magia.  
 Se alguma vem queimar-me, eu bebo vinho e pago-a.  
 Hyppocrates, Galeno, os sabichões da Arabia,  
 O velho Ferrabraz, Belonio a grande sabia,  
 Os phisicos do paço e mil e duas fadas,  
 Usaram d'este unguento em curas afamadas.  
 Por vida minha! Conde, ergue o teu copo!... Eu bebo  
 A' saude d'El-Rei!

*Erguem-se todos e bebem.*

D. Grido

Bravo, senhor!

D. Fua

Mancebo,  
 Da minha força amostro os ultimos arrancos;  
 Com novas glorias honra os meus cabellos branco.

D. Grido

Meu tio, durma em paz, que o nome, sem desdóiro  
 Hei de entregal-o á cova antes gravado em oiro.

PEDRO

Em oiro o meu tambem!

ESTALAJA-FIRA

Sonha co'a cruz de Christo!  
 Algun de nos é doido.

PEDRO

A sogra está bem visto!  
 Tenho valor no peito igual ao mais pintado.

CATERINA, meia a este para Pedro

Se perderas, campino, os fumos de soldado...!

**CONDE**

Tonto, cedo verás, escuta o que eu te digo,  
*Tra la spiga e la man qual muro é messo, amigo.*

**PEDRO**

Senhor, não sei latim.

**ANTONIA**

Hão de cobrir-te os loiros  
 E nunca ouvidos dar a tristes, máos agoiros.

*Parando em Sancha Mocho, que entrou vagarosamente e se approximou da mesa pedindo esmola, estendendo a mão.*

Meu Deus!

**CONST.**, para Sancha Mocho, ameaçando-a

Bruxa, a que vens?

**D. GUÍDO**

Vai-te!

**ANTONIA**, recuperando o sangue frio

Coitada' A fome  
 Trouxe-a talvez á villa. Anda, Sanchita, come,  
 Não tenhas medo.  
*Enche-lhe o regaço de bocados de pão.*

*Não, a D. Guido.*

E a mim faz-me pavor!

**D. GUÍDO**

Cadella,

Vamos, é despachar!  
*E purra-a.*

**SANCHITA**, sorrindo vagamente

Mercês.

*Encaminha-se lentamente para a igreja, sem tirar os olhos de Antonia.*

CATERINA

Que bruxa aquella!

Onde passa ha desgraça!

ANTONIA

E olhava para mim!

Tão doida...! Fez-me frio!..

ESTALAJADEIRO

Ha muito que anda assim...

Bem vai, quando calada.

PEDRO

É Sancha Mocho, a louca,

Tem pacto co'o demonio e rosalgar na bocca

ESTALAJADEIRA

O pae morreu lhe em Ceuta e tres irmãos na guerra,  
A mãe de fome. E' desde então que a doida berra,  
E aos homens faz pavor de noite uivando á lua

D. GUIGO

Saiamos até ver se aponta no fim da rua  
El-Rei co'os toiros.

ANTONIA

Sim. Preciso respirar.

D. FEAR

Irei comvosco. E o Conde?

ANTONIA, baixo ao Conde maliciosamente

A porta de Ga par

Ha de abrir-se talvez...

Alto

Ficas, irmão?!

~~Conde~~ se disse a ~~outro~~ a resposta do Conde

Que fica.

~~Beltrão~~

Só adivinhei, vê tu, que amor te mortifica.

*D. Faz, D. Guido e Antonia sahem pelo fundo; o estalajadeiro e a estalajadeira entram em casa; Pedro e Caterina ficam arranjando a mesa, e depois vão passeando conversar para o fundo.*

### SCENA VII

CONDE, PEDRO, CATERINA, e depois MARIA, BELTRÃO  
e SANCHÁ MOCHO

PEDRO, baixo a Caterina

Ouviste que o Beltrão, quando no matto dorme...?

CATERINA

Já sei... Que a Sancha Mocho...

PEDRO

Ai, filha! Um sapo enorme!  
Um sapo! Houve quem vi-se o fructo d'esse amor.

CATERINA, aterrada

Faz o pelo signal da Santa Cruz!

MARIA, entrando

Senhor,  
Pedi-me viesse aqui. Pela vez derradeira  
Quero ouvil-o.

CONDE

Obrigado. E que hoje Deus não queira  
Que a morte me acompanhe.

CATERINA, para Maria

Aí, nossa linda santa,  
Que afugenta o mau sonho e os olhos nos encanta!

Promo

Já tratei dos papeis. Seguir-su-ha sem demora  
À guerra o casamento. Um só me falta agora.  
Uma certidão.

Maria

Qual?

Promo

A d'obito.

Consel

Desconsel

Um moiro t'a dará.

Promo, baixa a Catarina

Que doido, e que lembrânc!

CATERINA, baixa a Pedro, apontando para o Consel e Maria

Doido d'amor, talvez.

Afasta-te abraçados

Consel, apontando para Catarina e Pedro

Tio pobret... E venturo,  
Que prodiga os beijou, se mostra a mim tão dura!

Maria

Pode havel-a maior, mais santa e mais amiga;  
Soffrer, porque é preciso, e o bem dos mais obriga.  
As caricias do espinho, o mel d'um holocausto

Dor todo o coração, ficar de peito exhausto,  
A que trouxe um sorriso aos labios de Jesus,  
Morrendo, todo amor, nos braços d'uma cruz.

Conde

Como um doido, a fugir, montes e vales corro...!  
Em voo!... que é dentro em mim o mal em que ardo...  
e morro!

Para o mais pobre e triste, a quem a fome assola,  
Maria, escute, seja um dia a sua esmola.  
Amo-a!... Tenha piedade!

## Maria

Um dia aqui jurou-me  
Não mais falar d'amor, nem pronunciar-lhe o nome.  
Por isso vim... Fiz mal. Permitta que me afaste

Conde

Não, Maria!... Por Deus!

*Pedra, a Caterina com quem passeia ao fundo*

Bem sei; sempre me amaste!

Catorra

**E se houvera mentido?**

Pi = 0

Os olhos nunca mentem,  
E nos teus olhos leio...

CATHERINA

O que?

*Penso, abra andava e continuando a passear*

**Que és minha!**

Cônsul

Tartuffe

Dépois d'isto mentir? De que serve o calar-me?  
 Se os olhos, gesto e vida estão gritando alarme!  
 Se o meu segredo é dado a todos poderão ouvir,  
 De que serve o fingir um coração de gelo?  
 Jurei... Pode arrancar-me a língua; mais forte  
 Hão de bradar amor o meu silêncio... e a morte!  
 Se mais a retrear meus paixões se exalta...  
 Jurei... mas não cumprí... Releve a minha falta...  
*Appare em a porta da egreja Beltrão e Sancha Mordilho.*

Marta

Senhor Conde, não posso... Ouve demais! Adeus!  
*Era aí a se ragar, amante para casa, e o Conde se ajoelhou diante dela, sobre um banco, com a cabeça entre as mãos.*

*Bela!, sentado à porta da egrégia igreja, com a capa de Sancha Mordilho.*

Sancha! Quem te fez mal? Bateram-te o ~~senhor~~?

Cônsul, chamada.

Maria! por piedade!

Bela, maldita.

Es tu que das ao perro,  
 As illusões do amor, no seu cruel deserto?

*Maria, voltando, depois de certa hesitação.*

Ouvirei, senhor Conde.

*Pompeia, ao fundo, pousando com Catarina*

Ó joia, ó minha vida!

CATARINA

Meu Pedro!

CONDE, para Maria

Escute pois.

BELTRÃO

Sancha Mocho! coitada!

CONDE

Da corte em vão fugi, buscando terras longes,  
 Onde encontrasse a paz que a selva empresta aos monges.  
 No mundo em que a traição manobra em campos vastos  
 Só vi na humida treva as viboras de rastos.  
 De enojado fugi. Dez annos se passaram  
 E após males crueis, mais duros se preparam.  
 As cinzas glaciaes occultam vasto incendio!  
 Julgava extinto o fogo e uma faísca accende-o!  
 Maria, quanta vez onde entra uma desgraça  
 Leva o balsamo santo, anjo de Deus que passa!  
 Sempre lá me encontrou; mas, se julgou virtude  
 O ver-me junto ao pobre, ai, Deus! como se illude!  
 Buscando em minha treva o lume d'uma estrella,  
 Que me importa quem soffre? Ia tão só por vel-a!  
 No peito o coração rufava uma alvorada,  
 E a minh'alma sorria em doce luz banhada!  
 Sós no mundo nós dois, o mundo fôra nosso!  
 Responde-me a chorar! Responde-me: — não posso!  
 Mas diga-me sómente, é mais do que amizade  
 Que li nos olhos seus... Responda-me!...

MARIA

É verdade!

CONDE

Que devo então julgar? Pois ha de haver má sorte,

Que onde lá buscar vida ali me ponha a morte?  
Julga talvez... ah! sim! percebo a sua idéia...!  
Porque eu sou nobre e julga...?

MARIA

E sei que sou plebeia...  
Que importa?... Se jamais temi que um fraco instante  
Quizesse, inda a sonhar, fazer-me sua amante?  
Senhor Conde, eu conheço-o.

CONDE

Então por que motivo...?

MARIA

Meu Deus!... não lh'o direi. Mal sabe como vivo...!  
Não m'o pergunte, não, que dobra o meu tormento.  
Piedade peço agora... Escute o meu lamento!

CONDE, segurando as mãos de Maria

Piedade lhe pedi... Piedade não terei!

Ouvem-se muito ao longe as guiseiras e os chocaltos dos cabrestos e os gritos dos que acompanham os touros.

## SCENA VIII

OS MESMOS, O ESTALAJADEIRO e depois A ESTALAJADEIRA,  
ANTONIO, D. GUIDO, GASPAR, HOMENS E MULHERES  
DO PVO

O ESTALAJADEIRO, entrando a correr

Os touros...! Olá, Pedro, os touros...! Chega El-Rei!

ANTONIA, entrando e rendo o Conde a segurar as mãos de Maria  
Por isso o nobre Conde, illustre, rico e bello,

Já não vive no campo occulto em seu castello!

*Rindo e beijando Maria.*

Ai mana, como és linda!

D. Guido, entrando com D. Fuas

Os toiros!

*Pedro, para as mulheres*

Presto andae,

Subi.

*As mulheres entram na taberna, apparecendo depois as janellas.*

*Gaspar, convidando Antonia*

Senhora, suba.

*Antonia entra em casa de Gaspar.*

*Taró Maria*

Ouvi tudo !

MARIA

Meu pae !

*Entram*

CATERINA

Tu, Pedro, vem comigo.

*Caterina, Pedro e outros homens treparam ao vallado. Os rapazes sobem as arvores. As mulheres as janellas. Gaspar ao pe de Maria e de Antonia.*

D. FUAS

El-Rei na frente !

*ESTALAJADEIRA*

E é lindo!

D. GUINDO

Vem como um gamo!

*COSDE, a D. FIAS*

E eu soffro... e todos estão rindo!

D. FIAS

Quem soffre vendo rir é contra Deus que peccal.  
Haja alegria...!

*BELTRÃO, baixo a Sancha Mocho*

Logo á noite... na charneca.

PEDRO

Cada toiro uma torre!

CATERINA

El-Rei veste de gala!

ANTÔNIA

Como isto é bello!

D. FIAS

Sim! Que rei no mundo o eguala?

Su'alma é como um lyrio, o corpo é feito d'aço!

E para o amor da fama é pouco o inteiro espaço!

*Deje sobre a mesa*

Gritae-lhe: Viva El-Rei!... Gritae-lhe...!

Todos

Viva El-Rei!

BELTRÃO, baixo ao Conde

Se tem gosto em saber mil coisas contarei.

*detra; do vallado passam os touros a todo o galope entre nuvens de poeira. Gritos, assobios, vivas. As mulheres acenam com os lenços. Veem-se acima da crista do vallado as pontas dos pampilhos. Ouvem-se os chocinhos e as guiseiras dos cabrestos. Algaçarra enorme.*







## ACTO II

Uma sala no Paço Real de Almeirim. Ao fundo grande porta de entrada. Pano grosso d'um e outro lado. A' direita alta, porta para o interior. A' direita baixa, grande janella. A' esquerda, ao centro, sobre trez ou quatro degraos, a porta da capella. Panoplias, quadros, mezas, tamboretes, um genuflexório, etc.

### SCENA I

CHRISTOVAM DE TAVORA, MARTIM AFFONSO, VASCO DA SILVEIRA,  
JOÃO DE CASTILHO, E OUTROS FIDALGOS DA CASA D'EL REI

M. AFFONSO

Ora valha-nos Deus, pois que ninguem se atreve  
Contra o rei, cuja insanía ha de mostrar-se em breve.

SILVEIRA

Senhor Martim Affonso !

M. AFFONSO

O loueo é surdo á voz  
Dos velhos que o censura ! . . E parvos somos nós.

*CASTILHO*

Falaces como um doutor.

*M. ARROSO*

Vós como um chocarreiro

*TAVORA, rindo, para Martim Afonso*

Este João de Castilho...!

*M. ARROSO*

Um bobo sem parceiro!  
A loucura d'El-rei mais de quantos lh'a approvam  
Malditas sejam! Vós, dizem, sr. Christovam  
De Tavora, que sois valido entre os validos;  
Certo, muito podeis, se El-rei vos der ouvidos.

*TAVORA*

El-rei manda; obedeço.

*M. ARROSO*

E nem um filho deixa!  
Co'o rei fina-se o reino, e sem uma só queixa!

*TAVORA*

Vá longe o mau presagio!

*CASTILHO, rindo*

E é tal ave agoireira,  
Que dá volta ao miolo a Vasco da Silveira!

*SILVEIRA*

Quem doce amor da patria em firme peito encerra,  
Se é bom christão, será pela tão justa guerra.  
Mas Deus...? Mas Deus não sei.

TAVORA

Sera por nos. A cruz  
É na vossa bandeira; é Deus quem a conduz.

SILVEIRA

Predisseram desgraça á patria por Mafoma  
Pedro Nunes, ha muito, e o astrologo de Roma.  
Um cometa no céo prolonga a cauda enorme,  
E, no crime obstinada, a gente folga e dorme!  
Aviso de mais dura admoestaçao celeste,  
Sobre o reino o Senhor lançou-nos fome e peste.  
Quantos mais vão morrer...! Já lhes predisse os nomes  
Quem é na santa gloria, o santo Simão Gomes.

CASTILHO, *findo*

De manhã, sapateiro, escangalhava botas,  
De noite profetava aos padres e ás devotas!

## SCENA II

OS MESMOS E D. FUAS

D. FUAS, *entrando*

Senhores, Deus vos salve.

SILVEIRA

Embora, entrae, D. Fuas.

D. FUAS

A nova já sabeis que dizem n'essas ruas?  
O grande general de alarves agarenos  
Deseja paz comnosco

TAVORA

E certo. Pelo menos

Assim o escreve.

D. FUSA

E El-rei?

TAVORA

Não lhe responde.

D. FUSA

À guerra...

E Deus guarde ao maior dos reis christãos da terra!

*Para um fidalgo*

Olá, meu caro primo! Estranho o vosso rosto!

Nas rugas tem gravado um perfido desgosto.

*Para outro*

Mancebo, que mau somno esta manhã dormiste!

Que demonio ou mulher te poz assim tão triste?

*Para Martim Afonso*

Que vos diria El-rei, se para vós olhasse?

Que fizestes, senhor, das rosas d'essa face?

*Para todos em geral*

Viveis na escura treva e, ao fundo das casurnas,

Cortaes co'a aza sinistra as solidões nocturnas!

Por vida minha! Acaso, no pólo onde habitaes,

Inda a luz não chegou florindo os matagaes?

*Para Vasco da Silveira*

Comvosco não falei.

*Para Christovam de Tavora*

Perdão, senhor Christovam.

Apenas me dirijo áquelles que reprovam

Quem, forte, lhes põe dique ás ambiciosas tramas.

*Outro fom*

Falemos d'outro assumpto. E com respeito a damas,  
Mancebos, que ha de novo?

M. AFFONSO

Eu vos digo, senhor.

D. FUAS, rindo, baixo a *Christoram de Tavora*

Tem graça o velho tonto inda a falar d'amor!

*All*

Dizei, senhor Martim Affonso.

M. AFFONSO

Achaes decerto

Que as damas são no paço oasis n'um deserto.

D. FUAS

Em formosura?

M. AFFONSO

Não ; como avis rara. Julgo

Que El-rei não quer destruir as duvidas do vulgo.  
Porque, antes de casar, das armas tenta a sorte  
Sem herdeiros do throno, além d'um velho á morte?

D. FUAS

Se Deus julgaes assim que nos será contrario,  
À fé que blasfemaes; senhor, por Santo Hilario!

O sol da gloria tem mais luz a matisar

A roupa immaculada ao monge militar.

Virtude é força, o vicio a dominar quebranta-nos;

O loureiro quer luz e não se dá nos pantanos.

Fulgem na mesma terra, aos mesmos arreboes,

Os lyrios da pureza e as palmas dos heroes.

Pudera eu não saber do amor os vis enganos!

*GASTILHO, tronito*

Agora é talvez tarde.

D. FIAS, rindo

Ha mais de quarenta anno!

*Um pagem, entrando*

El-Rei!

TAVORA

Silencio.

SILVEIRA

Vem da tribuna a caminho

E, pensativo...

### SCENA III

Os mesmos, El-Rei, D. Guido, PAGENS, OUTROS FIDALGOS  
e depois MARIA

*El-Rei, pensativo, de braços cruzados, atravessa vagarosamente a cena, entrando pela direita alta. Para um momento junto de D. Fias a quem dá a mão a beijar.*

El-Rei

Deus vos salve.

*Entra na capella seguido por todos os pagens e fidalgos. D. Fias ultimo*

*MARIA, espreitando cautelosamente a porta do fundo  
e depois dirigindo-se a D. Fias*

Meu padrinho!

## SCENA IV

D. FUAS E MARIA

D. FUAS, *surprehendido*

Maria, que tens tu?

MARIA, *tremula*

Padrinho...!

D. FUAS

Que amargura

Vem mudar em teu rosto a aurora em noite escura?

MARIA

Não pergunte, mas deixe esconder-me...! Revive

O pejo, se eu falar do pejo que não tive!

Esconda-me, padrinho!

D. FUAS

Assustas um amigo.

Sou quasi teu pae.

MARIA

Sim... Seja meu pae.

D. FUAS

Comigo

Desabafa. Que tens?

MARIA

Escute. O Conde...

D. FUAS

É nobre,

Flor da nobreza até; mas triste como um dobre.

MARIA

Ó remorsos mortaes...!

D. FIAS, rindo

Por Deus! Já não me assustas.  
Se tens do cemiterio, as neniás são bem justas.

MARIA, dolorosamente

E pôde rir ao vêr-me assim...!

D. FIAS, sorrindo

Pois não disseste  
Que tens remorsos?... Tu!

*Muito meigo*

Deixa esse ar de cipreste,  
E dize ao teu padrinho, aqui, muito em segredo,  
Se o papão d'outro tempo agora te põe medo.

MARIA

Não suspeita o que eu sou.

D. FIAS

Pomba sem fel nascida.

MARIA

Vaso de lodo immundo e vil mulher perdida!

*Outro tom. Com esforço*

Alguem que me ama...

D. FIAS

O Conde?

MARIA, confirmando

O Conde. Amor func' tol

Meu pae, que nos ouviu, lançou-me tal doesto  
 Que palavras não sei que sem matar-me o contem!  
 Que noite de amargura! O que eu soffri desde hontem!

D. FIAS

Ha sonhos cõr de rosa em cabecinhas leves.  
 Não podes ser esposa, amante nunca o deves.

MARIA, *envergonhada, receosa*

Esposa porque não?... Já sabe pois que fui...?

D. FIAS

A filha de Gaspar não casa com D. Ruy  
 De Castro Mello e Sá Menezes e Mendoça,  
 Novo Senhor da Agualva e quarto Conde d'Ossa.

MARIA

Pois esse que possue taes dotes resolveu  
 Conduzir ante o altar a filha do judeu.

D. FIAS, *surpreso*

Tão rico e poderoso...! Então quem lhe preferes?  
 Pois não te agrada o noivo?... Ah! mulheres! mulheres!  
 Porque é sério, tristonho, um mocho desasado!

MARIA

E modelo a christãos, contraste ao meu peccado.

D. FIAS

Amas o Conde?

MARIA

Sim. Mas outro amei.

.

D. FIAS, enlheando os hombros

Que importa?  
Nascem quantas paixões d'uma paixão que é morta!  
Amaste...? Adora pois tanto este como aquelle.  
Que importa?

MARIA

Deus...! Se amei...! que tenho um filho d'elle!

*Lançando-se nos braços de D. FIAS, medrosa e muito meiga*  
Padrinho, como é bom!... Que este martyrio acabe.  
Não me desprese, não? que sempre fui, bem sahe,  
Sua amiga, padrinho. E sou feliz, se apenas  
Me dér onde chorar as minhas tristes penas.

D. FIAS, carinhosamente

Conta.

MARIA

Meu pae partira havia tempos. Nós  
Ficáramos na terra, eu com minha mãe, sos.  
Ninguem nos vinha vér. Apenas elle. O seio,  
Innocente, lhe abri; sem saber como... amei-o.  
Dei-lhe toda a minh'alma, alma virgem. Captára  
Comigo a minha mãe, de graças sempre avara.  
Porquê?... Depois o soube e tremo ao recordal-o.  
Amei sem descançar um simples intervallo.  
Se d'elle e tanto amor tudo falava a bem!  
Se perto, os olhos seus, se longe, minha mãe.  
Tempos depois El-Rei mandou que sem demora  
Partisse para Ceuta. Ha quatro annos agora,  
Da primeira jornada. O amor previu-lhe a morte  
E, mentindo, só fez lucrar minha má sorte.

D. FIAS

Coitada!

MARIA

O que eu depois chorei! Christã, perdi-me!  
 Deus justo que olvidei castiga-me do crime!  
 E lembrar-me que o louco era meus sonhos, quando  
 Captura minha mãe... que horror!... judaisando!

D. FIAS, admirado

Pois tua mãe...?

MARIA

Que Deus lhe fale n'alma e desse  
 Ovidos pela pobre á minha humilde prece.

D. FIAS

E teu filho?

MARIA

Não sei. Seu pae voltou dez dias  
 Antes do meu. Nasceu-me o filho entre agonias.  
 Minha mãe no estertor poude co'um beijo ao menos  
 Matar na bocca fria o travo dos venenos.  
 Um beijo só lhe dei tambem. Seu pae levou-m'o...!  
 Meus peitos n'essa noite inflammaram-se, como  
 Se quizessem co'a dôr punir culpas tamanhas  
 E o filho lastimar das minhas vis entradas!

D. FIAS

Tudo ignora teu pae?

MARIA

Tudo. O minimo indicio  
 Poude occultar-lh'o o meu ferino sacrificio.  
 Não mais verei meu filho.

D. FIAS, sombriamente

E quer teu pae casar-te?

MÁRIA

Em novo crime, não, não quero ser composta!  
Oh! valha-me, padrinho!

D. FIAS

O Conde é forte e honrado,  
Se lhe eu disser...

MÁRIA

Meu Deus! Contar-lhe o meu pockado.

D. FIAS

Achará no perdão que uma alma boa e máltia  
Doce consolo ao fel da tua antiga fulta.

MÁRIA

Dizer-lhe... confessar-lhe a quem minha alma dói.

D. FIAS

Outro amaste, esqueceste-o; o Conde esquece agora.

MÁRIA

E se outro amei, quem sabe? Os olhos que regem  
Contra a vasta aridez são causa da miogem.

*Enterrada*

Ó santo que venero, o throno em que eu te vejo  
Conquistaste-o, é bem teu, não t' o ergue o meu desejo!

*Segurando as mãos de D. FIAS*

Padrinho, tenha dô. Fugi do bom caminho,  
Fui má, pequei...

D. FIAS, abrindo a enterrada

Gostida!

Maria, deixando cair a capa sobre o hombro de D. Fuas

Ai, como é bom, padrinho!

## SCENA V

OS MESMOS, CARDEAL E CONDE

*Cardeal, entrando e, attonito, vendo D. Fuas abraçado a Maria*

Olhae, Conde!

D. Fuas

Senhor...!

CARDEAL

D. Fuas, ou vi mal  
Ou que sois olvidaes n'este paço real.

D. Fuas

Perdão. Minha afilhada...

*Cardeal, mudando de tom e de phisionomia*

Ah! sim, conheço-a.

*Maria*

Escuta,

Dizem que és santa. Eu vivo em crua, eterna luta.  
Virão minhas acções de juizos meus erroneos...?  
Um velho peccador, joguete dos demonios...!  
Eu resarei tambem por ti, quando consagre.  
Reza por mim. Talvez que Deus faça o milagre.  
Vai, minha filha, vai.

MARIA

Senhor!

*Com tristeza, baixo a D. Fuas*

Santa! E extravado  
Do peito o meu remorso é e como um ferro em brasa!

D. Fuas, baixo

Valor!

*CARDEAL para D. Fuas*

Deixaes-nos sós, que pôde El-Rei mais tarde  
Vossa ausencia notar.

D. Fuas

Senhor, que Deus vos guarde

*Maria sai pel fundo. D. Fuas entra na capella*

## SCENA VI

*CARDEAL E CONDE*

*CARDEAL, como falando a D. Fuas, voltado para a porta da capela*  
Ide em paz. Deus conceda ás trevas d'essa mente  
Um raio só de luz, meu doido impertinente.

*Conde*

É D. Fuas, senhor, fidalgo muito honrado;  
Como christão modesto, heroe como soldado.

*CARDEAL*

Um doido igual aos maus. Todos o mesmo! Deus,  
Ao ver tanto peccado, afasta os olhos vus.  
A loucura do reino é punição celeste,  
Que não lhe foi bastante à guerra, fome e pestilé

*Glorioso e Conde.*

E vós também... andas, há tempos... Que fantasma  
Vos virdiu pela treva ante esse olhar que pasma?

*Conde.*

Senhor...!

*Carmal.*

E eu mesmo...? Ah! Conde, eu mesmo as vezes penso  
Que me foge a razão no meu sofrer immenso!  
A dúvida cruel subjuga-me a alma escrava!  
Procuro o bem, pratico o mal...! E mais se encrava  
O espinho do remorso! À noite, se a consulto,  
Escuto da consciencia os brados em tumulto,  
Vejo espetros, revejo as faltas mais longevas...!

*Conde.*

Allicto, apago a luz, esconde-me nas trevas.

*Conde.*

Conde, meu senhor. Em Vossa Alteza é força  
Não dobrar a cerviz, humilde como a corça,  
Pensar no reino allicto e mais, por nosso mal  
Se um dia El-Rei faltar, que é rei de Portugal.

*Carmal.*

Se El-Rei faltar...! Talvez... talvez nos falte, se antes  
Não morrerem d'um raio os doidos e os bargantes.  
Não havia ser louco; os livros que o rodeiam,  
O amigo que o procura, avisos que enxameiam,  
Os poetas que na Itália escrevem contusões  
E mais um nosso agora, o tal Luiz de Camões,  
Não lhe dizem, ao vel o ideando mais um throno,  
Que o bem ganho se perde e o mal elle e seu dono!

*Fernandinho.*

Rei...! Velho...! Sinto em mim da morte os mil symptomas:  
Mas se um dia fôr rei, se alguém m'as fez... pagou-m'as!

*Conselho*

E estreitanto! Um só grão pequeno de cíclito,  
 Que lhe abri a terra o seto, e ficará corrupto.  
 Cuidado, meu senhor, porque a serpente é viva,  
 Já saiu da toca e à luz mostra a cabeça alta.

*Conselho*

Estranho o vosso ardor!

*Conselho*

Que é leitura, sem demora!  
 Pega-se o fogo meu, que, activo, me devora!  
 Ah! pude — devo-o a ti, puro anjo, meu custodio! —  
 Na santa inquisição sacrificare um ódio!

*Conselho*

Estais sombrio!

*Conselho*

Sim. A nuvem, que, opulenta,  
 Fecunda a terra e o chão de rosas parimenta,  
 É negra e esconde o sol.

*CARDILO, LINDA CHAMIGA*

Hesitação damnada!

*Conselho*

Recordo a Vossa Alteza o grande Torquemada.  
 Quantos judeus queimou n'um fervoroso introito?  
 Dez mil!

*Conselho, irritado, contente*

Perdão; dez mil duzentos e dezoito  
 Mas era um santo!... Se era...! E no lado do rei de Hebreos!

*Tristamente*

Eu não tenho ninguem. El-Rei, ~~se~~ filo, estranhos

Que ouse vir perturbar o em seu tão nobre officio.

*Com um gesto arrebatado de raiva*

Ah! se um dia eu puder... !

*Suspende o gesto e leva as mãos à cinta com um grito abafado de dor*

Magôa-me o cilicio...

Já não posso... Estou velho...

*Conde*

Apenas Vossa Alteza

Pode o reino salvar da febre de que é preza.

Tratar da sua vida é seu dever e nosso.

*Cardeal*

Sim, sim, mas, Conde, olhae...

*Abraçando-o amparando-se ao Conde*

Magôa-me... Não posso.

*Conde, levando-o para junto d'uma cadeira*

Descance, meu senhor.

*Cardeal*

Os velhos...

*Sentar-se*

Obrigado.

*Continuando*

Os velhos teem que andar com muito mais cuidado.

A morte está mais perto, e em tentações redobra

O demônio para ver se a pobre alma sossobra.

Têm-me tentado agora horrivelmente! Ha pouco,

Teve tratos machinou, que deu comigo em louco!

Tomo, como sabeis, só leite de mulher;

Assim irei vivendo ate que Deus quizer.

O phisico mandou, fiz-lhe a vontade. Uns dias

Passaram sem que o inferno armasse tropelias;

Mas honesta... Conheceis a Maria da Motta.  
Mulher sinta, exemplar, capaz, muito devota;

Mas linda, cibelta, forte, uns ados como nenhuma!

*Com um grande enrenecimento.*

Tendo o círculo posto o diabo não se atreve...!  
Vede lá que martyrio agora me consome:  
Ou castigar a carne ou perecer á fome.

#### COSTE

Consulte Vossa Alteza alguém de melhor ciencia  
Que o phisico do paço.

#### CARDIAL

Hoje até, que é de urgencia,  
Conheceis o Beltrão, simeiro d'esta egreja,  
Que ha no largo, qui perto. Ha muito já que almeja  
Por me dar a provar umas tisanas suas  
De plantas, que elle escolhe e dá conforme ás suas.

#### COSTE

Detesto esse villão com modos de panthera.

#### CARDIAL

Mandei que viesse. Olhae se hi fira alguém me espera.

*Continuando a falar com o Conde que não obedece mandado, e tal por instantes.*

É falso o que penais, pois certo que o Beltrão  
Ha serviços prestado á noiva inquisição.  
Tem-me amor e por isso a gente o calunnia  
Diz que resa por mim tres vezes cada dia.

#### COSTE, a porta

O Beltrão, meu senhor.

## SCENA VII

OS MESMOS E BELTRÃO

BELTRÃO

Deus guarde a Vossa Alteza.

CARDEAL

Entra, meu velho. Vais falar-me com franqueza.  
 Aqui me vês soffrendo um barbado castigo.  
 Deus é justo, Beltrão. Quero falar contigo.

BELTRÃO

Falar com Deus mais vale.

CARDEAL

É certo.

BELTRÃO

A quem se damna,  
 Se o castigo é do céo, que importa uma tisana?  
 Ajoelhe aos pes do altar e rasgue, humilde, o peito ;  
 Deus talvez lhe remitta os crimes que tem feito.

CARDEAL

Para a carne conter não foram tão communs,  
 Quanto Deus o mandou, meus asperos jejuns?

BELTRÃO

Parece Vossa Alteza um resequido esparto.

*CARDEAL*

Há dois dias que frago, e po-lo ate mostrá-lo,  
Sobre a pelle a sangrar duro cilicio po-to.

*BELTRÃO*

Pois ponha lhe mais um, se polos lhe da go-to

*CARDEAL*

Mal surge a aurora, alguem, que me procure, é certo  
De achar-me orando ali, no templo infa deserto,  
Implorando ao Senhor a compaixão paterna.

*BELTRÃO*

Mais certo que pinheiro em porta de tabernáculo.

*Conde*

Tento, confiado! Escolhe um pouco mais os termos.

*CARDEAL*

Deixa-e, Conde. É melhor assim, para sabermos.

*Para Beltrão*

Fala á vontade. Então não fiz já tudo quanto  
Devi para acalmar as iras de Deus Santo!

*BELTRÃO*

E os outros? Vossa Alteza iguala um santo mingue,  
E os outros vão peccando, e Vossa Alteza longe,  
A vel-os de palanque, e mudo como um rato!

*CARDEAL*

Que sabes?

*BELTRÃO*

Muito sei.

CARDEAL.

Seguro?

BELTRÃO

Muito exacto.

CARDEAL.

Falarás?

BELTRÃO

Talvez não; pois dizem que é loucura  
Malhar em ferro frio ou dar em pedra dura.

CONDE

Beltrão!

CARDEAL

Mercê de Deus, eu nunca fui remisso  
Em castigar a culpa.

BELTRÃO

Então será feitiço,  
Que uns morrem na fogueira e outros em cama fôfa.  
Teem sempre bom padrinho alguns de mais estofo.

CARDEAL

Fala, Beltrão.

BELTRÃO

Pois bem. Juro, á fé de quem sou,  
Que um da casa d'El-Rei, traidor, judaísou.

CARDEAL

Um fidalgo?

BELTRÃO

Um fidalgo.

*Conde.*  
É certo?

*Beltrão*

I. certo.

*Cardeal*

É hoje...

*Beltrão*

É hoje...

Um fidalgo acha sempre alguém a quem se ajouje.

*Conde*

É tens prova segura?

*Beltrão*

Immensas.

*Cardeal, erguendo-se*

*Sursum corda!*

Já n'alma o antigo ardor parece que me acorda!  
Conde, deixae-nos sós.

*Conde, baixo a Cardeal*

Senhor, trémá d'este homem.

*Cardeal*

É os remorsos cruéis que tanto me consomem?  
Vou ter paz afinal, se castigar o crime.  
Adeus, Conde. Vai... vai...

*Muito comovido faz-lhe com a mão signal para que saia.*

## SCENA VIII

CARDEAL E BELTRÃO

CARDEAL

Nada posso...! Excedi-me.

Fala depressa. Estou cansado.

*Põe a mão sobre o cilicio*

E doc-me aqui.

BELTRÃO

E, quando a Vossa Alteza eu narre quanto vi,  
Será severo?

CARDEAL

Sim.

BELTRÃO

Castigará?

CARDEAL

Co'o fogo!

BELTRÃO

Mais me vale o calar se bocca não faz jogo.

CARDEAL

Fala... Conta depressa... El-Rei não tarda... Conta.

BELTRÃO

Amou gentil fidalgo uma menina tonta.  
Christã nova era a mãe, quero dizer, judia;  
E elle então por amor judeu se fez um dia.

**CARDINAL**

Que infame os im nos dá lugar às quixas tuas!

**BELTRÃO**

D. Guido, meu senhor.

**CARDINAL**

Sobrinho de D. Fua!

**BELTRÃO**

E cunhado do Conde.

**CARDINAL**

Um familiar d'El-Rei!

**BELTRÃO, muito hypocritamente**

Vossa Alteza, coitado! ha de custar-lhe, sei.

**CARDINAL**

Nada temias por mim, Beltrão, nem me lamentes,  
Que a serpente é dragão, quando comeu serpentes.  
E ella quem foi?

**BELTRÃO**

Maria, a filha de Gaspar.

**CARDINAL, alterando**

E judia também!

**BELTRÃO**

Senhor... ! Nem tal pensar!  
Aborrece os judeus e alcunha-os de javardos;  
Mas as moças christãs parem também bastardos,  
Judia a mãe somente.

**CARDINAL**

Ah! Deus não me protege!

Hei pedir orações á barregā do hereje!  
E há muito que isso foi!

**BELTRÃO**

Sim.

**CARDEAL, SEVERO**

Calar-se não pôde...

**BELTRÃO**

Pris assim foi melhor. Senhor, não se incommode.  
Ao meu rancor ouvi, prudente, os bons conselhos,  
E o meu cajado agora acerta em dois coelhos.

**CARDEAL**

Pois, se assim foi, D. Guido ha de morrer no lume.  
E como o sabes?

**BELTRÃO**

Vi... Co'os olhos do ciúme.

**CARDEAL**

Basta. O resto ouvirei mais tarde. Hei de hoje mesmo  
Co El-Rei falar. Ah! cães malditos!... N'um torresmo  
Pode-se eu ver desfeita a vossa carne immunda!

*Maria cantada. Devotamente*

Eis nossos corações Deus graças mil difunda.  
Adeus, meu filho, adeus.

*Beltrão beija-lhe a mão*

Vou rezar. Vai-te embóra.

*Encaminha-se para o genuflexório*

Que Deus te pague o bem que me fizeste agora.

*Caí de joelhos, prostrado, sem forças para falar, dizendo com o gesto adeus a Beltrão e mandando-o sahir. Fica rezando com o rosto entre as mãos.*

## SCENA IX

CARDEAL, EL-REI, D. GUIDO, CHRISTOVAM DE TAVORA,  
 MARTIM AFFONSO, VASCO DA SILVEIRA,  
 JOÃO DE CASTILHO, D. FUA, FIDALGOS E PAGENS

EL-REI

Deixaes-nos. Logo à tarde iremos à Coitada,  
 À guerra costumando o corpo na caçada.  
 D. Guido, estimei ver como hontem vos portastes  
 Co'o toiro que o meu potro arrebatou nas hastas.

CASTILHO, brincando

Pois não se portou bem.

EL-REI

Porque?

CASTILHO

Porque em destreza  
 Teve o arrojo de andar melhor que Vossa Alteza.

EL-REI

Castilho, falo sério. Offende-me o teu chasco.

M. AFFONSO, baixo a Christovam de Tavora

Apanha!

EL-REI, para D. Guido

Lembrar me hei de vós.

Para Christovam de Tavora e Vasco da Silveira

Christovam, Vasco.

LAVADA E SILVEIRA

Senhor!

EL-REI

Dê-se na guerra, ao lado da bandeira,  
A D. Guido presente o posto que requeira.

D. Guido, deixando a mão d'El-Rei  
Senhor, beijo-lhe as mãos.

EL-REI, para os fidalgos

Ide com Deus, D. Fuas  
Esperae.

D. FUAS, inclinando-se

Meu senhor, aguardo as ordens suas.

~~Sem os fidalgos e pagens. O Cardeal continua rezando.~~

## SCENA X

CARDEAL, EL-REI E D. FUAS

EL-REI, pensativo

Sou rei, que o sinto n'alma. E, tremulo, descubro  
O sangue dos heroes em minhas veias, rubro.  
Sou rei, filho de reis. Mereço-o, porque o sinto.  
D'um lado Aviz, Borgonha e d'outro Carlos Quintol  
Tenho o sceptro, o diadema; o globo só me falta.  
Se Deus será quem manda o sonho que me exalta?  
Se, um dia, ha de ordehar que, sol entre mil soes,  
Governe quasi o mundo o neto dos heroes?  
Mandou-me Deus tentar a lucta que disponho  
Ou julga ser um crime acreditar n'um sonho?

D. FIAS

Glorioso, meu senhor, hei de voltar da guerra  
Mais que os Nove da Fuma e os Doze de Inglaterra.

CARDEAL, erguendo-se e dirigindo-se a D. FIAS

Que consciencia no mundo ha tão feliz que possa  
Em Deus confiar assim?... D'orate ou tanto?... A vossa  
A propria terra soffre e pelos seus guerreia,  
Se escuta a quem a pisa odiosa lingua alhui.  
Mas, supondo um triumpho, entre os cantos do plectro  
A fila ha de surgir dos pallidos espectros;  
Muita lagrima corre e as mães e os orphão gemem,  
Enquanto hymnos aos mil nas charamellas fremem.  
E quem sabe se o povo é pelo rei que chora?

EL REI

Que importa? *Un bel morir tutta la vita honora!*

CARDEAL

Deus só concede a gloria ás almas puras.

EL REI

Tenho

Immaculada a minha.

CARDEAL

A vossa, sim, convenho;  
Mas dos vossos alguem, perverso, não tremeu  
Da justiça do céo singindo-se judeu,  
Juntando com mi fé, para maior injuria,  
Ao crime da impiedade o crime da luxuria.

EL REI

Dos meus, dizeis vós!

CARDEAL

Sim.

EL-REI

Fidalgo?

CARDEAL

E dos melhores.

EL-REI

No lume o queimareis, máu grado os seus maiores.

D. FIAS

Deus o castigue e dê-lhe a ponta d'uma lança  
Em que morra, deixando a gloria como herança.  
A morte é bella assim e o povo até maldiz  
Quem mata um bom soldado entre onzeneiros vis.

CARDEAL

Demais ergueis a voz perante El-Rei.

D. FIAS, *altivamente*

Se em preito  
A verdade alto falo, encontro esse direito  
N'um passado sem mancha e em trinta cicatrizes.

CARDEAL, *ironico*

As mais d'ellas signaes de duellos infelizes.  
Por quem foi que no pulso houvestes golpes tantos?

D. FIAS

Senhor, por minha dama. Os homens não são santos,  
Eles tão pouco. Um dia encontrei lá D. Braz.  
Falei, repondeu mal. O duello foi tenaz.

Tres vezes me tocou!... D. Braz foi tre passado!  
Um bom homem talvez, mas muito malcreado.

CARDEAL

No peito um fundo golpe haveis, segundo é fama,  
Bateste-vos por quem?

D. FIAS

Senhor, por minha dama.

CARDEAL

A mesma?

D. FIAS

Senhor, não ; por outra. Um dia, à bordo,  
Um galan murmurou do mestre.— «Não concordo!»  
Bradei. Para o matar tinha razões de mais,  
Sem falar n'um soneto á dama dos meus ais.  
Puxou da espada e deul Su'alma, sua palma...  
Pois elle o quiz assim, que Deus lhe sale n'alma.

CARDEAL

E por quem, já que o vejo e audaz se manifesta,  
Vos feriu, tão medonho, esse gilvaz na testa?

D. FIAS

Senhor, por minha dama.

CARDEAL

A mesma?

D. FIAS

Senhor, não :  
Por outra a quem amei com toda a devoção!  
Por essa que não tem — Corpo de Christo! — um emulo  
No alto amor que lhe voto, arrebatado e tremulo!

Um moiro me feriu, dez moiros, como tordos,  
 Vi cahidos na areia e rebolando e aos bordos!  
 Por ella só gastei, por ella, a minha amada,  
 A força do meu braço e o gume d'esta espada!  
 Por quem eu me batí? Por essa a quem adoro,  
 No vasto azul do céo fulgente meteoro!  
 Por quem este gilvaz?... Senhor, por minha dama.  
 Senhor, por minha patria, a luz da minha chamma!

EL-REI

Podeis falar bem alto ; á patria o nome erguestes.

CARDEAL

Não quando assim defende o réo d'um crime d'estes.  
 Apromptem-se ao culpado as chammas e o responso.

D. FUAS, para o Cardeal

Perdão, senhor.

Para EL-REI

O vosso avô, primeiro Affonso,  
 Foi rei de Portugal e filho de bastarda.

EL-REI, escandalizado

D. Fuas!

CARDEAL

Sois audaz!

D. FUAS

Melhor já vos aguarda.

Parece que falei n'um caso deploravel!  
 Bastardo foi tambem o grande condestavel.  
 Mais tenho a apresentar, se tal vos não magôa,  
 Uma prova efficaz de quanto Deus perdôa  
 Os peccados do amor.

*Cardeal, vendido*

D. Fuas, blasphemas!

D. Fuas

D. João, mestre de Aviz, bastardo como os maiores  
Para El-Rei, n'outro tom

Seja quem fôr, perdão! Deus justo assim premeia  
Os filhos do peccado, um rei porque receia!

*Cardeal*

Judaíssou.

D. Fuas, sempre para El-Rei e só para elle

Mirae no temporal que ruge,  
Ebria, doida, revolta, uma subtil pennuge;  
Deus sabe onde vai dar, se á luz se á densa treva!  
E lá que o amor tambem as almas doidas leva.  
Perdoe-lhe, senhor rei! Pelos moiros envolto,  
Morra beijando a cruz e já por Deus absolto!  
Perdoe-lhe pela dôr que, barbara me invade...  
Senhor, que mais direi?

*Ajoelhando*

Perdoe-lhe por piedade!

El-Rei

Meu valente, de pé! Só curva os joelhos seus  
O escravo ante o senhor. O homem perante Deus!  
Socegæ, que o perdão...

*Cardeal, atalhando, cheio de aflição*

Filho!... Meu filho...!

D. Fuas, d'alto, para o Cardeal

Na bocca a essa palavra e poupe uma blasfemia,

*Algémico*

Ou *filho* diz *amor* e *amor* não diz *peccado*!

*F*EL-REI

Senhor, se Deus lhe quiz do lyrio immaculado  
Dar à sua alma casta a deslumbrante alvura,  
Porque, a tantos esquia, a gloria vos procura,  
Fagulha e quasi humilde, ó monges militares!  
Senhor, se teme a luz que baixa dos olhares  
Tranquillos, virginæs, tão carinhosa como  
Um raião de luar; se o mais ligeiro assomo  
Não mostra a commoção na sua fronte austera;  
Quanta vez, alma triste, ai! quanta vez, te dera  
Voar no espaço immenso em plena luz d'abril!  
Senhor, responda.

*F*EL-REI

Sim.

D. FIAS

E o aroma tão subtil,  
Que se evola da flor, a abrir, toda orvalhada,  
Sorrindo ao sol nascente em fresca madrugada,  
Não recorda o perfume apenas percebido,  
Num rapido passar, em volta d'um vestido:

*F*EL-REI

Sim.

D. FIAS

E se a noite é bella e dentro da nossa alma  
Se eleva uma canção mais do que a noite calma,  
Serena como o incenso em lentas espiraes,  
Alma, por quem a ergueis? Olhos, por quem choraeis?  
E a musica é divina e as lagrimas suaves.  
E verdade, senhor?

*F*EL-REI

Sim.

D. Fuas

Ageis como as aves,  
 Onde levam recado as suspiradas notas?  
 A que fada bondosa? A que regiões ignotas?  
 Já n'um vapor subtil a imagem se revela  
 D'um anjo sem rival por quem noss'alma anhela...!

El-Rei, encorvado

Visão tão doce e cara...!

D. Fuas

Ah! deixe pois que exclame:  
 Apaguei co'o meu sopro uma fogueira infame!

El-Rei, como acordando

D. Fuas, que dizeis?

D. Fuas

Já tenho o seu perdão!

CARDEAL, colérico

Um rei não pôde ir contra a santa Inquisição!

El-Rei

Meu tio, alto falaes. E basta de celeuma.  
 Que eu peça a bulla a Roma e Roma concedeu-m'a.  
 Co'o Papa não conteis. Termine esta discordia  
 Ou sabereis quem sou.

CARDEAL

Senhor...! Misericordia...!

Cai de joelhos aos pés d' El-Rei

*El-Rei, para D. Fuas*

Provastes o valor que o vosso peito encerra.  
D. Fuas, estaes velho ; é longe a dura guerra ;  
Alguem do vosso sangue ali vos substitua.

D. FUAS

Que mal lhe fiz, senhor? A minha vida é sua.

*El-Rei*

Aqui fareis cumprir as minhas ordens. Mando  
Que se esqueça de vez castigo tão nefando.  
Não morrem na fogueira, em tormento infernal,  
Os vassalos fieis d'El-Rei de Portugal...

*CARDEAL, rancoroso, ainda de joelhos*

Em quanto fordes rei...

*El-Rei, continuando*

... como villões cobardes.

*Para o Cardeal*

Erguei-vos, Cardeal.

*CARDEAL, quasi sem voz*

Senhor, se me ajudardes.

Meu corpo é sem vigor, minh'alma desmaiada.

*El-Rei e D. Fuas ajudam o Cardeal a erguer-se.*

*El-Rei*

Cumprireis?

*CARDEAL*

Sim.

*El-Rei*

Juraes?

*Cardeal, de luto samente*

Pela hostia consagrada...!

*O Rei com um gesto ordena ao Cardeal que o siga e salve a morte, com os braços cruzados, pensativo como entrara. O Cardeal segue-o, com os braços de mãos postas, rosto encostado ao manto, rezando. A porta da funda abrem-se e entra o Conde d'Osna, que se curva ante as pessoas reais.*

## SCENA XI

D. FIAS E CONDE

D. FIAS

E desce um homem tanto abaixo d'uma fera!

*A Janella*

Lá fora brilha, encanta a doce primavera;  
Tudo fala de amor e a terra grata envia  
Ao sol o seu perfume e os cantos de alegria!

*Pedro, fora, cantando, acompanhado a guitarra*

Camponeza, camponeza,  
Camponeza, meu amor,  
Camponeza, camponeza,  
Dás-me um beijo? — Não, senhor.

D. FIAS

É Pedro, o noivo, o amor da linda Caterina.  
Vai cantando feliz a estrella que o illumina.  
No peito d'esse pobre ha todo o mez de maio!  
É tão facil amar, tão simples!... Escutae-o.

*Pedro, fora, cantando*

Camponeza, camponeza,  
Camponeza, meu amor,

Toma um beijo, camponeza.  
Obrigada, meu senhor.

D. FUAS

Feliz do que assim pôde amar com taes extremos!

CONDE, receoso

E eu, D. Fuas, e eu?

D. FUAS

Não, meu Conde. Falaremos.

Ouve-se novamente ao longe a guitarra e a voz de Pedro, que vai cantando.







## ACTO III

A vista do primeiro acto.

### SCENA I

O ESTALAJADEIRO, A ESTALAJADEIRA, CATERINA, PEDRO,  
BELTRÃO, GASPAR, HOMENS E MULHERES DO Povo, E SOLDADOS

*A maior parte dos homens estão bebendo, sentados às mezas, outros de pé, falando com as raparigas.*

PEDRO, vestido de soldado

Meu lindo malmequer! Ao menos hoje... Um beijo...!

CATERINA

À despedida,... logo.

PRIMEIRO HOMEM, sentado a uma mesa

Olá! Pão, vinho e queijo!

ESTALAJADEIRA

Caterina!

CATHERINA, *seguido a correr*

Lá vou!

SEGUNDO HOMEM

Vinho, vinho e mais vinho!

ESTALAJADEIRA, *muito alegremente*

Credor! Já vai, já vai!

UMA MULHER, *dando um copo de vinho a um soldado*

Meu neto, coitadinho!

Bebe, bebe.

PEDRO, *para os soldados*

Pardeus! Quando eu voltar, às bodas  
Bebereis do melhor vós todos e vós todas!

BELTRÃO

Não me convidas, Pedro?

PEDRO

A tí... Co'um bom peloiro,  
Que os olhos te varasse!

CATHERINA

Arreda!

PEDRO

Ave d'agoiro!

BELTRÃO

Escuta, meu rapaz. O vinho e a boa assord...  
O vinho sobretudo, aguenta a gente gorda;  
E algum bicho, que vier lamber-te o sangue em coelho,  
Talvez goste da carne assim de vinha d'alhos.  
Bebe, Pedrinho, bebe! Antes das bodas, ... bebe.

*BETALAJA - IBA, para Pedro*

Manda-me esse bargante ao diabo que o percebe.

*PRIMEIRO HOMEM*

Dos soldados faz cães!

*SEGUNDA MULHER*

Dos tristes faz chacota!

*CATERINA*

Se alguem fala da guerra ameaça-o co'a derrota!

*PEDRO*

À morte!

*UNS SOLDADOS*

Sim!

*OUTROS*

À morte!

*PEDRO*

Um cão de menos!... Fogo!

*BELTRÃO*

Pois que eu morra e heis de ver quem perde mais no jogo.

*GASPAR, intervindo*

Soldados, que fazeis? Beltrão, que lhes disseste?

*BELTRÃO*

A quem tolo nasceu que é tolo e que lhe preste.

*GASPAR*

Louco, nem mais palavra!

*Patra dos soldados*

E vêde o que fazei;  
Se ao parvo derdes trela, o parvo equalarei.

*Segunda mulher, para um soldado*

Horas são de partir. Adeus, o minha vida!

*Primeira mulher*

Vamos rezar por vós. Que triste despedida!

*Estalajadeira*

Oremos ao Senhor.

*Pedro*

Resae por nós.

*As mulheres*

Resemos.

*Estalajadeiro*

Mas quem resa não bebe!

*Caterina, olhando para Beltrão*

O Senhor aos blasphemos

Um dia dará pago.

*Pedro, a Caterina*

O amor que tu me tens!

*Primeira mulher*

Meu neto, Deus escute as supplicas das mães.

*As mulheres e os camponezes dirigem-se pouco a pouco para a igreja; alguns soldados retiram-se, bem como o estalajadeiro e a estalajadeira, logo que arrumaram as mesas. Ficam outros soldados, conversando baixinho com raparigas, passeando ao fundo aos dois e dois. Entre elles Pedro e Caterina.*

## SCENA II

BELTRÃO, GASPAR, PEDRO, CATERINA, SOLDADOS E RAPARIGAS

*GASPAR, approximando-se de Beltrão*

Quem eu só tenha a razão que vós, doidos, não tendes!

BELTRÃO

Fazer e dizer mal nunca se perde, entendes?  
 Gorou-se a minha empreza,. . estoiro se não berro...!  
 Ah! raça de Caim! Ah! corações de ferro!  
 Toda a noite ardo em febre e, só comigo, apago-a,  
 Sem ter ao menos quem me traga uma vez d'água...!  
 Por isso te maldigo, alem, todos os dias,  
 Quando a reza te chamo, a dar Ave-Marias.  
 Bem olhas para o céu, mas Deus mudou-se, e o diaho  
 E quem te aceita a prece, a rir, e a dar ao rabo.  
 Raça maldita! raça immunda! raça infame!  
 Fervilham-me cá dentro os odios como enxame!  
 Destruistes o meu jogo, heis de pagal-o caro;  
 Vereis que linda sorte agora vos preparo!  
 Se a raiva me tolheis, a raiva é mais profunda!  
 Raça maldita! raça infame! raça immunda!

GASPAR

Repelle o pesadelo odioso em que te enlevas.  
 Um dia ha de chegar o vencedor das trevas.  
 Leva a porto seguro o mar em que navego.

BELTRÃO

Es lynce vendo ao longe, e, ao pé dos olhos, cego!

GASPAR

Beltrão.

Beltrão, com ironia

Maria quando casar?

GASPAR

Tens visto o meu tormento?

Beltrão, rindo ironicamente

E o pobre Conde em brasa...

Ora chega,... ora parte ...!

GASPAR

Obcuro enigma! Sinto

Que se perde a solvel-o o meu sagaz instinto!

Ela, amando-o, não quer!... Elle, adorando-a, foge!

BELTRÃO

O Conde casara, se houver quem o despose  
 D'um grão tão só de areia em que hoje o amor encalha.  
 O proprio amor talvez.

Levava Gaspar para perto d'uma das meias

Observa esta toalha;

O linho é roto, immundo; ha nodos à te que serve!

Mas o hospedeiro vem, sacode-a,... vira-a,... e riu!  
 O Conde casará.

GASPAR

Beltrão, não te percebo.

BELTRÃO

A culpa foi dos dois!... Um d'elles, o mancebo,  
 Ja corre em bom caminho; e da velhice tont  
 Um elixir d'amor dar-me-ha vingança prompta.

## SCENA III

OS MESMOS, ANTONIA, D. GUIDO E D. FUAS

*ANTONIA, entrando pelo braço de D. Fuas*

Deixe agora, meu tio, abrir meu coração.

D. FUAS

Devo-me ventura o dedo, hei de tomar-lhe a mão?  
Vai, minha filha, vai; consola o triste esposo.

*ANTONIA, tomando o braço de D. Guido*

Tão só me vais deixar!

D. GUIDO

Tres dias, que, saudoso,  
Hei de sonhar contigo e em sonhos só ter vida!  
Em Lisboa te espero. Ali de novo unida  
Sera minh'alma á tua. As fadas nos apromptem  
Uns dias deslizando equaes ao dia d'hontem.

D. FUAS, para Antonia

Se te vissem córar, farias co'essas rosas  
Enchar de pura inveja as Tagides formosas.

ANTONIA

Guido!

D. GUIDO, ameigando-a

Então...? Dentro em pouco hemos de estar os dois  
Juntos de novo, tonta!

ANTONIA

É certo, mas depois?

Agora, um mez que foge, inda estarei contigo;  
 I c que partas verei, se alguma vez conigo  
 Abrir os labios teus n'um rido como d'antes.  
 Talvez que a patria exija os minimos instantes.  
 Depois...

D. FIAS

Depois a guerra, as gloria, no terreno!  
 Uma criança parte e volta um cavalleiro!

ANTONIA, tristemente

De poetas e sonhar; cai d'alto o que alto vóal

D. FIAS

Valha-te Deus, sobrinha, ó Dona Salomão!  
 Ah! Pudera eu seguir quem para longe embarca.  
 Manda-me El-Rei ficar na paz, qual patriarcha!  
 Paciencia. Aqui serei melhor que em Miraflores  
 Para o tempo matar, trovando aos meus amores.  
 Os noivos estão longe, a lenha ao pé do lume...  
 Ah! quantas amarei, conforme o meu costumel  
 Ai! quantas tenho amado! Agora, quando penso  
 Que ha tanto moço ardente e n'este amor immenso,  
 Serão meus filhos? digo.

D. GUNDO

Ó pae do exercito!

D. FIAS

Alto!

Não sei porque has de rir. Dou provas, se me exalto.

D. GUNDO

Francamente, meu tio, a tal ninguem o emprega...  
 Mas em coisas d'amor... costuma pôr de casa.

D. FIAS

Poisinda hontem revi, que todas hei marcado,  
 Quantas soube render meu culto apaixonado.  
 Contei... trez mil e nove!

ANTONIA

Em nome de Deus Padre!

D. FIAS

Desconfias de mim? Pergunta ao meu compadre.

GASPAR, rindo

Tanta mulher, senhor!... É coisa que não chove.  
 Perdoe Vossa Mercê,... porém trez mil e nove...!

D. FIAS

Se não for essa a conta, é pouco mais ou menos.  
 Ai! que tempos d'amor! Que dias bons, serenos...!  
 Sempre sou por quem ama.

*O drama Antonia e D. Guido de parte. Gaspar sobe a conversar com Pedro e Catarina.*

Ha tempo um moço nobre,  
 Cujo nome, discreto, o Cardeal encobre,  
 Seduziu, por seu mal, a filha d'um judeu.  
 Triste andava o christão, judaísou,... venceu.

ANTONIA

Infame!

D. FIAS

O Cardeal, que o soube, quiz matal-o.

ANTONIA

Era bem de justiça.

D. FIAS

Aos pés d'El-Rei, lhe falo,  
Longo tempo no amor, sem pjo, sem receio,  
Ah! nobre moçol... Emfim, El-Rei sorriu... Salve-o

D. GUIDO

Salvou?

D. FIAS

Mando d'El-Rei, mau grado o Cardeal.  
Durma na santa paz, enquanto em Portugal  
Reinar D. Sebastião.

D. GUIDO

Mas não sabeis quem foise... ?

ANTONIA

Meu Guido, que te importa? O nosso amor tão doce  
Que tem co'o amor dos maís?

*Dando-lhe o braço e levando-o para o fundo*

O tempo foge, Guido.

Repara em minha pena, escuta o meu gemido.

D. FIAS, para uma rapariga, que vem atravessando a cena

Onde vais, morenita, assim tão guapa e linda?  
Quem sora Florambel, se fosses Graselinda!

A RAPARIGA, murmurando e cortejando D. FIAS

Senhor... !

*Entra na igreja.*

D. FIAS, a Beltrão, apontando para a rapariga e piscando

Trez mil e dez!

BELTRÃO, encolhendo os hombros, ironiza

Um velho que mal pode  
Que retorcer galante as pontas do bigode!

D. FIAS

Pior S. Fernando! Audaz falaste e como quem  
 Ou se morde d'inveja ou nunca amou ninguem.  
 As donas infieis, meninas e viúvas,  
 Beltrão, nunca as tratei, como a raposa as uvas.

BELTRÃO

Vossa Mercê perdoe se lhe falei tão rude.  
 Tanto melhor! Admiro a sua juventude!  
 E é tão simples comitudo amar e ser amado  
 Sem termos na velhice o algoz ao nosso lado!

D. FIAS

Tão simples achas tul

BELTRÃO, *como receoso*

Não vá causar-lhe tedio...!

D. FIAS

Explique-te.

BELTRÃO, *baixo*

Conheço um singular remedio,  
 Um elixir subtil, que manso e manso invade  
 As fibras onde entorna a vida e a mocidade.

D. FIAS

Pois guarda-o para ti. Detesto essa impostura.  
 Ou bem que é dia claro, ou bem que é noite escura.  
 Ser novo, eis a questão; ter n'alma a primavera!

BELTRÃO

Em pleno outomno é raro.

D. FIAS

E' raro! Ai, quem me dera  
Um temporal no mar em que a minha alma vogal!

BELTRÃO, *situando menção de retirar-se*  
Como queira.

D. FIAS

E...

BELTRÃO, *pontando*

Senhor?

D. FIAS, *como indiferente*

Quanto custa essa droga?

BELTRÃO

Embora para obtela a lida seja imensa,  
Será poder servil-o a minha recompensa.

*Gaspar, Antonia, D. Guido, Pedro e Caterina veem descendo durante a noite os soldados foram sahindo e as raparigas entrando na igreja*

GASPAR

E vais contente, Pedro?

PRIMO

O santo do meu nome  
Foi papa. Eu serei mais; para mais Deus fadou-me!

BELTRÃO

De quem pensa e chorar, de quem não pensa o resto  
E' verdade afinal:

*Apontando para Pedro*

— Ser tolo é ter juizo!

*Sobe*

*ANTONIA, descendo pelo braço de D. Guido  
Que funebre pensar o teu sorriso esconde?*

*BELTRÃO, para um soldado que vai atravessando a cena  
Vais triste? Vais morrer?*

*Constando para o Conde que vem entrando  
E's mais feliz que o Conde.*

*Sae*

## SCENA IV

**GASPAR, PEDRO, CATERINA, ANTONIA, D. GUIDO,  
D. FUAS E CONDE**

*Conde, para D. Guido*

Venho dizer-te adeus.

*D. Guido*

Adeus, meu Ruy.

*Conde*

Tão breve  
Quanto possa, irei ver-te. A minha irmã não deve  
Em Lisboa estar só no embarque teu. Lá, pois,  
Dar-te-hei mais um abraço e voltarei depois.

*D. Guido, abraçando-o*

Meu Ruy, quasi um irmão mais velho em ti venero.  
Em teu peito extremoso, embora tão severo,  
Antonia ha de encontrar riquíssimos thesoiros.

*Conde*

Bem quizera partir, levar a guerra aos moiros;

Não deixa o Cardeal. E' sorte minha enfim,  
Viver, como ninguem, co'a morte dentro em mim!

*ANTONIA, apontando para a igreja*

Vejo que soffres. Vemi, irmão, commo co. A prece  
Traz um balsamo santo a uma alma que padece.

*CONDE*

Comivosco ja vou ter, caros irmão. D. Fuas,  
Quero fallar-vos.

*D. GUINDO, entrando na igreja com ANTONIA e GASPAR*  
Soffre?

*ANTONIA*

Ama. Pobre Ruy!

*PEDRO, sahindo com CATERINA*

Tuas,  
Só tuas, minha vida, arruinam-me as saudades!

## SCENA V

*D. FUAS E CONDE*

*D. FUAS*

Que novas temos, Conde?

*CONDE*

Ha tenues claridades  
N'um ceu de escura noite, ha risos na desgraça,

Ha canções pastoris n'um vendaval que passa;  
Mas na minh'alma afflita ha só tristeza e luto!

D. FIAS

Pois, meu Conde, é fugir, sem perda d'um minuto!

CONDE

E' tarde, já não posso.

D. FIAS

O poeta, que os conhece,  
Lá diz do baixo amor que os fortes enfraquece.

CONDE

Meu peito é de granito e todo o mal affronta;  
Se um punhal lhe tocar ha de quebrar-lhe a ponta.  
Oh! Deus! saber quem foi!

D. FIAS

Demais sabeis da historia.

Pudera essa infeliz calar-se, na vangloria  
De ter-vos a seus pés, vencido e desprezado;  
Era muito, não quer, revela o seu peccado!

CONDE

Por isso mais a adoro!

D. FIAS

O pago que lhe daes!  
Ella só quer a paz, vós affligil-a mais!  
E' lembrar quanta inveja a vossa escolha inflamma.  
Fazer da christã nova a mais illustre dama!  
Fosse ella digna esposa e o caso era de emboras;  
Mas, Conde, d'esta vez chegastes a deshoras.

C

Porque ha de este sofrer, que o amor em mim produz  
 Ser qual chamma infernal que abrasa e não da luz?  
 Senhor Deus, se eu pudesse amar-a sem vergonha!

D. FIAS

Mais valera beber um copo de peçonha,  
 O corpo é bello, o peito amante, mas não basta.

Conde

A alma é santa!

D. FIAS

Talvez; ha muito ja que arrasta  
 Os grilhões do remorso.

Conde

E então?

D. FIAS

Quanto mais cedo;  
 Arrancae-lhe a memoria e casareis sem medo;  
 Aliás é-vos traidora; a imagem do outro amante  
 Um beijo invocará, medonha, a cada instante!

Conde

O amor que á gente nova é luz, onde amanheça,  
 Eneceu-me, liberal, de brancas a cabeça!  
 Sofro demais, não quero! O naufrago sedento  
 Bebe o mar, que mais vale a morte que o tormento.

D. FIAS

Tinha a razão por mim.

CONDE

Não posso mais...!

D. FERN.

Pois seja.

*Fiat voluntas tua. E' já latim d'egreja!*  
*Entra na egreja.*

## SCENA VI

CONDE E CATERINA

*Caterina entra chorando, com o lenço nos olhos, dirigindo-se para a egreja.*

CONDE

Cachopa, vaes chorando?

CATERINA

Ah, senhor Conde, agora  
 Ao Pedro disse adeus!

CONDE

Teu noivo tambem chora?

CATERINA

Se me quer bem, senhor!

CONDE

Amas então deveras?  
 E elle tambem?

CATERINA

Senhor, creio que sim.

*Conde**E impasse*

Casar com Pedro em breve?

*CATERINA*

Espero assim que volte.

*Conde*

E depois?

*CATERINA*E depois... nunca hei de ver quem solte  
Mais alegre cantar em toda a redondeza!  
Então me vingarei dos dias de tristeza!*Conde*

Como eu te invejo!

*CATERINA*

A mim!

*Conde*

E ao teu noivo.

*CATERINA*

Deus ha de

Talvez um dia dar-lhe igual felicidade.

*Conde*

Pois resa a Deus por mim, se és pura.

*CATERINA, cumprimentando*

Senhor Conde...

*Conde, rende Maria aír a porta de casa*

Vai-te.

## SCENA VII

CONDE E MARIA

CONDE

Maria !

*Vendo que Maria passa sem lhe responder*

Escute. Então nem me responde !

*Maria para, ja com o pe sobre o primeiro degrau do adro da egreja  
Que mal lhe fiz ? Quem sempre acóde á dor alheia  
Porque despreza a minha :*

MARIA

Afflita, lastimei-a.

Sei que sofre; demais o sei por mim. Ocioso,  
Só fala contra o jus que tenho ao meu repouso.

CONDE

Pérdão, Maria !

MARIA

E' sem remedio o mal. Benvindo  
O meu descanço é pois. Tudo entre nós é findo.

CONDE

Menos o nosso amor !

*Entendendo*

Menos o meu !

MARIA

Perdida !

CONDE

Sempre occulto na sombra, odiava o mundo e a vida.  
Um dia um anjo bom... — Um anjo?... Um anjo, sim —  
Viu-me triste e sósinho e teve dó de mim,

Abriu-me os braços seu n'um generoso amplexo,  
E eu voguei pelo espaço, attonito, perplexo.  
Como quando na aurora os sonhos tomam vislumbre,  
Rompendo a nuvem densa, ergueu-me aos céus ocultos.  
Mostrou-me a luz do sol, livrou minh'alma e cravou-me!  
E eu não julgava então que a luz também matava!

MARIA

Quanto mais me valéra o nunca ter nascido!  
E' minha a culpa! Deus escute o meu gemido!

CONSELHO

A confissão redime a culpa a quem a chora...  
Tão santa a conheci, mais santa a vejo agora!

MARIA, COM ESPANTO

Perdão!

CONSELHO

Pois se a adoro!

MARIA, COMO EM EXLAUSO

O' Deus do céu! Porece  
Que dentro da minh'alma em jubilo amanhece!  
Como eu sofreria a sós co'os meus remorsos! Falle,  
Regue a flor que plantou no afflichto, adusto valle  
De lagrimas e dôr! Diga... Perdão?... Diga!  
Que bem me faz ouvir a sua voz amiga!

CONSELHO

Como halito infernal um nevoeiro apenas  
Inda tolda as manhãs que hão de luzir serena;  
Mas que os anjos do céu, piedosos, me coadjuvem,  
E saberei também despedaçar a nuvem!

Enta Beltrami

MARIA

O que diz, meu senhor?

Conde, passando a mão pela testa.

Cíumes doidos!

*Quando Danilo fura o conde*

Olhe

Que enfermo e louco amor seu brando amor acolhe!  
 No immenso espaço azul, vogando em mar superno,  
 Comigo levo n'alma o esbraseado inferno!

*Arranjo de Danilo*

Perdão, Maria!

MARIA

Vê?... Sonhei! Triste acordar!

CONDE

Entre na egreja; ali, rendida, aos pés do altar,  
 Suplique a Deus justiça.

MARIA

Oh! não, que tenho medo!

CONDE

Esqueçamos, Maria, o seu fatal segredo.

*Arranjo de Danilo*

Dize que me amas.

MARIA, baixo

Sim.

CONDE, abraçando-a

Repete.

MARIA

Se te adoro!

*Comia, demandava*

Vae... Resa... Deus nos legou a vida que lhe implorou!

*Maria, dirigindo-se para a igreja*

Ou me deixa sonhar nos céus a que eu subi!

*BELTRÃO, nas degraus da igreja, ironico*

Rese por mim também.

*Maria para surprehendida:*

*Maria, depois dum silêncio*

Sim... Resarci por ti.

*Entra na igreja*

### SCENA VIII

CONDE E BELTRÃO

*Conde, clérigo*

Beltrão!

*BELTRÃO*

Que modos!... Peço uma oração... Não triste,  
Que tão pouco offendesse a Vossa Senhoria!

*Ouve-se dentro da igreja a voz de Maria responde-lhe*

*Conde*

Pois cuidado na língua, e arreda, cão tinhoso,  
Ou te abaso na guela o teu ladrar de goso!

*BELTRÃO, apontando para a igreja*

Que virtude tão sá! Mas que infeliz trabalho!  
Onde pox a negaça encontrar-e o espantalho!

**Conde**

Como falas?

**BELTRÃO**

A sós comigo.

**Conde**

Injuria ou chiste,

Tocaste em minha dor; pois conta-me o que viste.

**BELTRÃO**

O pae que anda por fóra, a filha que é ladina,  
O moço que é galhardo, a mãe que é celestina,...  
E' coisa natural, muito acontecedeira...  
O filho que ella tem?... Não vale essa canceira.

**Conde**

Subes o nome?...

**BELTRÃO**

Dando um rebusco á memoria,  
Talvez saiba contar a minuciosa historia.

**Conde**

Um nome só dirás; conquistas a riqueza!

**BELTRÃO**

Grato beijo-lhe as mãos por mais essa fineza.  
O nome não direi. Só quando me aprouver.  
Quer vingar-se? E eu tambem, porque amo essa mulher!

**Conde**

Tal arrojo em teu labio é quasi um sacrilegio!

**BELTRÃO**

Pois tendes, cortesãos, mais esse privilegio?

Se ameii... Que as maldições que urrei de imensa raiva  
 Lhe caiam na cabeça em golpes de iraiva!  
 Ha tanta dama bella e d'altas gerarchias... !  
 Deixae-nos nos judeus as filhas das judias.

Cortez

Perro immundo, co'o nome em vio cular-te penso, —  
 Confessas-te judeu! — no potro, sem detenção,  
 Has de cuspil-o!

BELTRÃO, raioso

A lingua hei de eu cuspir-lhe a cara!

*Outro tom, ironico*

Mas Vossa Senhoria é louco e não repara  
 Que eu só na minha mão tenho a vindicta no... !  
 Co'o judeu tente o accordo, illustre Conde d'Or... !  
 Abona o meu segredo a paz do meu futuro.

Cortez

Se o revellas, marrano, até serei perjuro,  
 Calando o teu peccado.

BELTRÃO, rindo, ironico

E' forte novidade!

Repto o beija-mão! Que singular bondade!

*Olhando para o fundo*

Vem gente.

*Baixo*

Meu senhor, basta por hoje. E, quando  
 Como esposo me obrigue, irei talvez falando.

Cortez

Dirás tudo?

BELTRÃO

Se vivo e El-Rei voltar.

CONDE

Se não...?

BELTRÃO

O Cardeal é rei, que esplendida função !

*Entram Christovam de Tavora, Martim Afonso, Vasco da Silveira e João de Castilho.*

CONDE, baixo a Beltrão

Não mais perdão tereis, judeus, se me pisardes !

BELTRÃO, alto, de modo a ser ouvido

Deus o guarde, senhor, e muito boas tardes !

*Beltrão sai. Cessam as orações na egreja.*

## SCENA IX

CONDE, CHRISTOVAM DE TAVORA, MARTIM AFFONSO, VASCO DA SILVEIRA E JOÃO DE CASTILHO

TAVORA

Senhor Conde !

CONDE

Senhor !

TAVORA

Vosso cunhado ?

CONDE

Resa

Para que Deus lhe assista. El-Rei, que muito o presa,  
Pediu-lhe acompanhante os homens de Almeirim.

SILVEIRA

De todo o reino acode a gente !

TAVORA

E' certo. Assim  
Já contamos com mais de vinte mil soldados.

MARTIM AFFONSO

Tantos hão de ficar no campo derrotado.

CASTILHO

E' quasi noite, pia o mocho!

CONDE

Os meus esperam;  
Se permittis...

TAVORA, com *comprimilando*

Senhor!

SILVEIRA

D. Guido e os seus quizeram  
Pedir auxilio a Deus. Que Deus seja por nós.

CONDE

E se digne escutar benigno a nossa voz.

*Entra na egreja.*

## SCENA X

CHRISTOVAM DE TAVORA, MARTIM AFFONSO, VASCO DA SILVEIRA  
e JOÃO DE CASTILHO

TAVORA

Senhor Martim Affonso, El-Rei se vos ouviu...

MARTIM AFFONSO

Chimava tonto ao velho e ao senso r'bugice.

Vinte mil valentões que uma criança leva  
De presente ao Maluco !

**CASTILHO**

A todos sobreleva  
Na graças da oratoria o heroe de Bijapor !

**TAVORA**

Senhor Silveira, e vos? Que havemos de suppor  
D'esse aspecto soturno em militar tão bravo?

**CASTILHO**

O rei dos coroneis de bruxas feito escravo !

*SILVEIRA, para Christiam de Tavora*

Senhor, só temo a Deus.

*Para Juá de Castilho*

Castilho, porque ridez?

**TAVORA**

Vos tão nobre, valente e forte como Alcides,  
E a quem El-Rei concede o mais honroso cargo,  
Porque assim vos molesta um pesadelo amargo?

**CASTILHO**

Meio doido foi sempre e é quasi doido inteiro  
Depois que um frade ouviu falar D. João Terceiro.

*SILVEIRA, soturnamente*

Como vós, tambem eu sorri d'esses lamentos  
Do fantasma d'El-Rei nos claustros dos conventos.  
Cedo o riso fugiu por mal dos meus peccados.  
Quando a Beira corria a levantar soldados,  
A mesma voz soturna, a predizer flagelos,

Por toda a parte ouvi nas ruínas dos castellos  
 E eu disse para os mals: — «Do mal, que se encalhma  
 Na abobada a gemer, se escuta a voz noturna.»  
 Mas tremo se de novo os pinheiros da estrada  
 Repetem pela noite a mesma voz maguada.  
 E o nascente luar minh' alma inda conturba  
 Co'as sombras a bulir, viões em negra turba !  
 Aqui cheguei por fim e, ao cabo da viagem,  
 Já me foge a razão, fallece-me a coragem,  
 Que, ha dias, mal dormindo, ouvi distintamente  
 Tres pancadas á porta e a mesma voz gemente  
 Batia meia noite... A espada !... Corro !... A sombra  
 Era além na Coitada, e o seu tamanho ~~assombra~~ !  
 Arrastava grilhões, vestia negro luto,  
 O rosto dando á lua e ao vento o pello hiruto !  
 E eu gritei-lhe: — «Senhor ! do vos o throno d'iro  
 Porque baixas ao mundo em tão funesto apêiro ?»  
 E a sombra respondeu me, alto erguendo a estatura:  
 — «Por vos choro e por mim, da patria a desventura !  
 E a voz, que inda hoje escuto, era saída do Orco...!  
 Sol sora, achei-me em terra, a soluçar, de borce

## TAVORA

Sonhastes, coronel, essas visões do inferno.  
 Gosa ha muito D. João do resplendor eterno.  
 Quereis então pedir dispensa do logar?

## SILVEIRA, atívo

Não! Deus manda morrer, não manda recuar !  
*Entra gente do povo pelo fundo, correndo; rapazes adiante, trepanando de dor.*  
 vores.

## Vozes

El-Rei que chega. El-Rei !

TAVORA

Silencio. Ao nosso posto !

~~para receber F.I.Rei.~~

## SCENA XI

OS MESMOS, MARIA, ANTONIA, CATERINA, D. FUAS, CONDE,  
 D. GUIDO, GAMPAR, BELTRÃO, ESTALAJADEIRO, ESTALAJADEIRA,  
 HOMENS E MULHERES DO Povo

*Os diferentes actores espalham-se pela cena; apparecem as mulheres as jarrinhas. Ouve-se ao longe a marcha dos pisanos e tambores. Vem descendo a noite.*

CATERINA, abraçando-se a estalajadeira

Minha mãe, quem me acode ao meu cruel desgosto ?

BELTRÃO

E' quasi noite. Chega a tropa. Venho ao sino.

Conde, para D. Fuas

Hei de saber quem foi. Prosigo em meu destino.

*Vai suavemente dar o braço a Maria com quem conversa cortejando-a.*

ANTONIA, para D. Guido, mostrando-lhe o Conde e Maria

Para mim desce a noite e áquelles nasce a aurora.

D. Guido

Pois ama-a !

ANTONIA

E vai casar. Só dás por isso agora ?

*Gomes, baixo a Maria*

Maria, abra-me o céu ! Minha alma desespera.  
Voa, doce andorinha, recorda a primavera !

*D. Guadalupe, baixo a D. Funes, apontando para Maria*  
Amante, essa mulher cedeu-me os seus afagos.

*D. Funes, atento*

Que dizes tu... Falam pois os corações prêngos !

*Dolorosamente*

Alguem, que Amor feriu, chamou-lhe irmão da Morte !

*BELTRÃO, baixo a Gaspar*

Triunfaste afinal !... Pois não te invejo a sorte.

*Vozes, dentro*

Viva El-Rei ! Viva ! Viva !

*Antónia, abraçando D. Guido*

Adeus, meu Guido ! Parte !

*D. Guido*

Fosse outra a minha vida e tão somente amar-te !  
Corre a colocar-se a frente das tropas.

## SCENA XII

OS MESMOS, EL-REI, PEDRO, SOLDADOS, CRIADOS, PAGENS,  
FIDALGOS e depois SANCHA MOCHO

*Entra o poro adeante dos soldados, andando ao som das pisanoas e dos tambores. Pedro entre os soldados. El-Rei a cavalo. Criados aos lados. Seguem pagens e fidalgos a cavalo. Os soldados formam a direita. El-Rei desce ate ao meio da scena. Grupos nos espectadores.*

EL-REI

Soldados, meus irmãos, na paz socios dilectos,  
Socios hoje na guerra, auxílio aos meus projectos !  
Qual não puzera a dor minh'alma merencoria,  
Se debil me ficasse alheio a tanta gloria !  
Pela fé, pela patria ! E' justa, é santa a guerra !  
E a voz que vos anima ao longe o moiro aterra !  
Coragem, que achareis nas africanas praças  
Os mortos certa a gloria, os vivos minhas graças !  
Venceremos sem custo o escravo baixo e fosco.  
Vós, porque ides comigo, eu, porque vou comvosco !  
E na manhã seguinte ao dia da campanha,  
Sosinho hei de subir aos altos da montanha ;  
O sol virá nascendo e a bruma que se eleva  
D'ouro, esmalte e rubins, debella e expulsa a treva.  
De joelhos a meus pés, enquanto um astro assoma,  
Verci, submissa escrava, a gente de Mafoma.  
E o celeste esplendor, será, nuncio do dia,  
O diadema imperial que o proprio ceu me envia !

*Fixa durante instantes silenciosos, fitando os olhos no céo*  
E' tempo de partir. Deus vá comvosco. Oremos  
Assim que Deus nos abra os mananciaes supremos.

*BELTRÃO, dirigindo-se para o sul e passando junto da Gárgola  
Que bella maldição lhes vou lançar agora !*

*Fim*

*Neste momento um reino inteiro os céus implora !  
Silêncio grande Beltrão da vigar samente o primeiro toque do Aceitaria. Todas se descobrem, as mulheres e os homens ajoelham.*

*SANCHÁ MOCHO, dentro, com voz arrastada, cheia de magna  
Ai...! Chorae...!*

*BELTRÃO, rindo, baixo para Gaspar*

*Sancha Mocho a recordar o pae !*

*Segundo toque*

*SANCHÁ MOCHO, atravessando instantaneamente a cena  
Ai, meus irrmãos...! Chorae...! Chorae...! Chorae...!  
Caiu nos degraus da egreja com um accidente. Terceiro toque.*

*EL-REI, depois de um instante, benzendo-se derola-se  
Amigos, e marchar! O diabo n'essa bruxa  
Lamenta a sorte sua e perfido estrebucha !  
Ao sino d'esta egreja ouvistes, meus soldados,  
O canto da victoria !*

*SILVEIRA, a Martim Affonso*

*Um dobre de finados !*





## ACTO IV

Sala no palacio do Conde. Porta ao fundo para a rua. Portas lateraes para o  
interior. Mobilia riquissima. Panoplias. Quadros, etc.

---

### SCENA I

GASPAR E BELTRÃO

BELTRÃO

Contente, hein?

GASPAR

Como vês.

BELTRÃO

Gordo, anafado!

GASPAR

Foi-te

Mais dura a sorte.

BELTRÃO

Foi, mas durmo toda a noite;

E acordo a rir, a rir...! Que sonhos, meu Gaspar!  
Como passa o teu genro, o grande familiar?

GASPAR

Muito bem.

BELTRÃO

E feliz?

GASPAR

Parece.

BELTRÃO

Grande amigo!

GASPAR

O Conde?

BELTRÃO

Sim, o Conde. I. muito bem comigo.

GASPAR

Beltrão!

BELTRÃO

Cuidas que eu zombo?

GASPAR

Estás em sua corda!

BELTRÃO

Eu só conheço o mal que barbaro o tenasa,  
E eu só na minha mão tenho o fatal remedio!  
Mas tu! ... Como estás lindo, alegre, moço e nedio!  
Liberal recompensa a tanta desvergonha.

GASPAR

Bargante, vens aqui habar tua peçonha  
Ou só te arrasta a inveja odienta que te roe?

BELTRÃO

Mandou-me aqui chamar o nosso grande heroe.

GASPAR

D. Funes?

BELTRÃO

Pobre velho!... E vim saber do Conde.

GASPAR

Fazes-me hoje pavor. Teu riso um crime esconde.

BELTRÃO

Tu com medo!... Tens graça. Então que mais desejas?  
A novas ambições dará, como a cerejas,  
Mudo abrigo profundo o estomago de ferro?

GASPAR

Mal sabes que martyrio inda em minh'alma encerro!

BELTRÃO

Es triste qual cipreste, o Conde é semi-louco,  
Maria, a casta flor, desinha pouco a pouco...!

GASPAR

Sabes porquê?

BELTRÃO

Sei.

GASPAR

Fala e pago-te o segredo.  
Expulsa este fantasma atroz que me faz medo.

BELTRÃO

Ha dias, na charneca, os diabos, que me outorgam  
Co'o temporal desfeito o cantochão d'um orgam,

As nuvens deram luz co'o raio que se ilbra  
 Eu colhi um veneno e a Sancha viveva a luta  
 Subito estala um raio e ardente os céus inflamam  
 Co um grito a Sancha cai de rosto sobre a lama  
 Livida, tem na mios fechados os poleares  
 Vai retorcendo um braço, o rosto faz e grito  
 Deita a lingua de fora e n'ella o dente ferra  
 Mais um trovão ribomba e vai de serra em serra  
 Rolando até morrer. E eu vi co'a luz do raio  
 N'um só momento, o horror de tão cruel de maio  
 Menos pallida já, suja de sangue e baba,  
 Marrava sobre o chão. Novo trovão de abafa...  
 Com medo e frio, bato o queixo...! Mal funeto!  
 Depois... Não sei... Que mai? Não sei contar o resto  
 Supponho que acordei sob as bategas d'água...  
 Vi Sancha ao pé, chorando, em silencio a maga.  
 Por muito tempo, julgo, estúpidos, sein fala  
 Nos quedámos, enquanto a trovoada estala.  
 Se bem me lembra, quiz erguer-me... fiz o asomo...  
 Sancha amparou-se a mim... Demos uns pa'sos como  
 Dois bebados trocando as pernas. Vi depois  
 Que o mal, que fôra o d'ella, agora era dos doi!  
 Oh, raiva! perceber que a morte anda tão perto  
 Além, ao temporal, no vasto chão deserto.  
 Em convulsões, moendo os peitos, gafanhotos  
 Aos coices, espumando, em raivas, doidos, rotos  
 Os dois éramos como uns titeres saltando,  
 A que um demônio, a rir, puxa os cordeis, nefando.  
 Por isso é que eu me vingo e odeio o mundo inteiro!  
 Apressa-me a vingança e guarda o teu dinheiro.

## SCENA II

OS MESMOS E D. FUAS

D. FUAS, entrando

Olá, Beltrão!

BELTRÃO

Senhor?

D. FUAS

Trouweste...?

BELTRÃO, dando-lhe um frasco

Duplas forças.

D. FUAS, erguendo o frasco, alegre

O leão sacode a juba! Álera humildes corças!

Baixa a Beltrão

Parece-me engulir todo o calor do inferno.

BELTRÃO

Um dia só de abril prefere a todo o inverno.

Para Gaspar

Que pena que eu não veja alguém, com sorte igual,  
Dançando na charneca, ao som do temporal!Que esplendida galhofa! E como eu me quedára  
A rir, a rir, a rir,... doce pombinha cara!

Sai, rindo as gargalhadas.

## SCENA III

GASPAR E D. FIAS

D. FIAS, rindo

É louco este Beltrão.

GASPAR

Talvez que a nossa vida

No silencio do louco ou seu falar resida.

D. FIAS, mostrando o frasco

Aqui, compadre amigo, a vida e a mocidade!

Porque ha de um sonho mau ralar-vos, e porque ha da

O mocho sempre ouvir se em vez de ternas rosas?

Tristes Maria e o Conde, e vós falando empolado!

É todo o reino assim, co'os sonhos d'un mau vinho,

E eu vou cantando o amor e as glorias que adivinhei!

## SCENA IV

OS MESMOS ANTONIA E CATERINA

ANTONIA, entrando com Caterina

Deus o salve, senhor meu tio.

D. FIAS

À luz do dia

Ergue já seu cantar a alegre cotovia!

Beijando-lhe a mão

Tão matinal, sobrinha!

ANTONIA

A noite é-me inclemente.

Chora o leito comigo o terno esposo ausente!

D. FUAS, *brincando*

Já não falta ninguem! Agora é pois completol  
 Já todos teem de acordo igual funereo aspecto!  
 Esse rosto em que Amor tal formosura glosa  
 Que manhã de S. João foi nunca tão formosa?  
 Que mau sestro chorar! Nos campos d'Ampelusa  
 Entorna a est' hora Deus mercês com mão profusa!  
 Minha Antonia sem par, teu pranto é mal cabido;  
 Quem diz guerra diz gloria, heroe quem diz D. Guido.

ANTONIA, *sorrindo*

Oíço-lhe a voz e logo a minha dor amansa;  
 Ao vel-o assim contiar, renasce-me a confiança.

CATERINA

Tanto melhor! Por mim espero em Deus... e n'elle!

D. FUAS

Em teu Pedro, cachopa?

CATERINA

Um homem como aquelle...!  
 Pois em quem, meu senhor?

D. FUAS, *galanteando-a*

Fóra elle e fosses minha!

*Para Antonia*

Lindo amor, onde vais tão pela manhãinha?

**ANTÔNIA**

Maria deve estar passeando no jardim,  
Vou falar-lhe em meu Guido e terá dô de mim.

**D. FUAS, rápido**

Vais falar-lhe em teu...?

**ANTÔNIA**

Vou... Porquê?

**GABRIEL**

Se dá licença

Que a conduza...

**ANTÔNIA**

Decerto.

*Approximando-se de D. Fuas, que parece distraído*

O meu tio em que pensa?

**D. FUAS, passando a mão pela testa**

Uma vertigem... ! Nada!

**ANTÔNIA**

Adeus.

**D. FUAS**

Uma vertigem...

E tenho frio... Adeus!

## SCENA V

D. FUAS E CATERINA

D. FUAS

São males que me affligem  
Dêis quando á minha vida o facho lhe desperto.

*Outro tom*

Não me achas um rapaz?

CATERINA

Senhor!

D. FUAS

Guapo?  
CATERINA

Decerto.

D. FUAS

Ah! se não fosse o Pedro!...

*Dando-lhe o frasco*

Escuta, alma adorada,  
Traze agua e deitarás co'as tuas mãos de fada  
Tres gotas d'esta limpha... É pouco... Deita seis...  
Deita dez...

CATERINA

Tenho medo...!

D. FUAS

Entorna!... E sabereis,  
Borboletas gentis, onde encontrar guarida!

CATERINA

Mas isto o que é, senhor?

D. FUAS

*Queres saber o... É vida!*

*Cantando enquanto Caterina vai buscar a agua*

Quem levára a deanteira,  
Muita amando em porfia,  
Galoar na vida inteira,  
Ou D. Fuas n'um só dia?

*Para Caterina, que lhe oferece o copo*

As mãos, Natercia linda, eu beijo a Vossa Alteza.

CATERINA

Beijo as suas, senhor, por tanta gentileza.

D. FUAS, depois de beber, nauseado, afastando o copo  
*que entrega a Caterina*

Se do amor victorioso agora não me orgulho,  
É que obsta aos madrigaes a teima d'este engulho.

## SCENA VI

OS MESMOS E O CONDE

*Conde, entrando*

D. Fuas, inda bem que vos encontro. Quero  
Um bom conselho ouvir que da amizade espero.

D. FUAS

Às vossas ordens.

*Conde, para Caterina*

Vai, pequena. Mais consola  
Um triste a quem é triste. E Deus te pague a comola.

## CATERINA

A vossa irmã, senhor?

## CONDE

Sim, Caterina. Adeus.

## SCENA VII

D. FUAS E CONDE

## D. FUAS

Um caso novo?

## CONDE

Não. Velhos peccados meus.

## D. FUAS

Pois ha nuvem que tolde em noites tão serenas  
Uma lua de mel que vem nascendo apenas?

## CONDE

Fumo negro do inferno!... Adoro-a!... E, louco, chamo  
A desgraça fatal sobre essa que mais amo!  
Em seus labios glaciaes nem já sequer diviso,  
Mentira caridosa, o adejo d'um sorriso!  
Vive hospede entre nós temoso espectro horrendo!

## D. FUAS, rindo

Já dizem pela villa : — «Ha coisa má gemendo,  
Á noite, nos salões d' te solar vetusto.»  
Amado e tão feliz, viverdes sempre em susto!  
Alegrae-vos, passeae, moitas batei caçando,  
Doce o vento heis de ver soprar galerno e brando.

## Conde

Fui surdo á vossa voz. Tinhais razão de sobra.  
 E quanto mais o afasto e tanto mais redobra.  
 O impulso da vingança, embora eu desça ao crime,  
 Escalda-me na fronte e o coração me opprim,  
 Os nervos me percorre e põe-me assim convulso,  
 Sinto-o no ar que respiro e bate-me no pulo!  
 Vencido e vencedor serei na estranha lucta.

## D. Fúas

Que demencia cruel vos rege e vos transmuta  
 A brisa em temporal, perfumes em miasmas,  
 E os sonhos bons d'amor em tetricos fantasma?

## Conde

Ahi negro especre! Quando o exhausto corpo deito,  
 Parecem-me a mortalha os linhos do meu leito!  
 É que não lhe bastou,— requinte de crueza! —  
 Rir da nossa oração, sentar-se á nossa meza;  
 Solcito, espreitando as occasões propicias,  
 Sobe do inferno e surge entre as nossas caricias!  
 E sentimos então, da noite no segredo,  
 O arfar dos corações, que batem só com medo!  
 Com seus dedos crueis, entrando em horas certas,  
 Mantem-me toda a noite as palpebras abertas.  
 Maria, junto a mim, presinto que não dorme...  
 Dois mortos n'um sepulchro, entre o silencio enorme!  
 O especre vive só, fere com duplo gume,  
 A ella co'o seu remorso, a mim co'o meu ciume!

*Mudando de tom*

Filho, que vais nascer, manhã d'um dia bello!  
 Pedra em que hei de fundar o triumphal castello  
 Da sonhada ventural Anjo bendito, enflora  
 Tuas azas nos céus, e surge, doce aurora!

Possa eu n'um beijo haurir o aroma d'outro beijo,  
Nas rosas do teu labio, ó filho por que almejo!

D. FUAS

Numa arida charneca um pilriteiro em flor!

CONDE

Mas a pobre Maria!... E o filho... do outro amor?  
Deve amal-o tambem, porque é seu filho, deve.  
E quando este, o que é meu, co'um riso nos enleve,  
E for, manso e feliz, crescendo entre os afagos,  
Lindo como Jesus sorrindo entre os reis magos,  
Ess'outro, coitadinho, irá, no desabrido,  
Pouco a pouco, a murchar, sem ver um rosto amigo,  
Sem ter ao menos quem, d'amor em terna prova,  
Lhe vá chorar depois saudades sobre a cova!

D. FUAS

O santo amor, que inspira os corações dos paes,  
É como em chão secundo as chuvas outomnaes!  
Na aridez d'esse peito um lirio desabrocha,  
Verdejam troncos d'hera em volta d'uma rocha!

CONDE, *impetuosa mente*

Calae-vos! Não sabeis que odeio essa criança?

*Arrependido*

Odeio!... Não, que é luz, santelmo da bonança!

D. FUAS

Que tencionaes fazer? Que mais celeste brilho  
Derrama na voss'alma, um anjo, vosso filho?

COVAD

Pelo irmão supplicante, ordena-me que o traga

Maria sofre...! Entorno o balâmo na chaga.  
A quem vos perguntar, direi que sou seu pae.

D. FIAS

E sua māe...?

CONDE

Morreu.

D. FIAS, enternecido

Conde...!

CONDE

Por mim, olhae,  
Por mim sómente o quero...

*S. ternalente*

e a paz assim me aguarda!

D. FIAS

Esse infeliz vai ser o anjo da vossa guarda.

### SCENA VIII

OS MESMOS E MARIA

D. FIAS, para Maria, que vem entrando

Ei-la que chega. Vem, bendita entre as mulheres,  
Deus te abençoe no ventre o fructo que tiveres,  
Ó māe cheia de graça.

MARIA, errindo

É quasi a Ave Maria!

D. FIAS

Já te vejo a sorrir, Senhora da Agonia!  
 Bem vais, minha atilhada, alegra esse teu rosto,  
 Onde não mais se imprima a ruga d'um desgostol

MARIA

Padrinho, sou feliz.

CONDE

Sel-o-has, quanto o mereces,  
 Que Deus prestou, piedoso, ouvido ás tuas preces.

MARIA

Nem uma nuvem só, n'esta manhã tão pura,  
 Virá, por mais subtil, toldar nossa ventura!

CONDE

Falas verdade?

MARIA

Falo.

CONDE

E's pois feliz?

MARIA

Bem vês.

CONDE

Doce Maria, vejo a afflictia pallidez,  
 Que espalham no teu rosto as noites mal dormidas.  
 Toma cōr e resurge ao sol das nossas vidas!  
 Deus um filho nos dá, desponta um dia bello,  
 Esse anjo ao nosso amor reune mais um elo!

MARIA

Será como um brilhante a resulgir precioso  
 Na cadeia que me une ao meu dilecto esposol

**CONDE**

Meu disvénio constante e meu perenne encanto,

*Com intenção*

O amor que em mim disunde é puro e sacro-santo ;  
Dentro d' alma a brilhar toda a minh' alma aquece,  
Feito da branca luz do céu, quando amanhece!

*Ternamente*

Esposa, é como o teu?

*Maria baixa a cabeça sem responder*

Maria, não respondes?

*Abraçando-a*

Porque emmudeces, filha, e assim teu rosto escondes?  
Já vês, mentiste em vão. Que vale o teu disfarce?  
Porque nasce uma estrella, um' outra ha de apagar-se  
Na noite da tu' alma, ó minha santa esposa?  
Tens no peito um sepulchro, arranca presto a lousa ;  
Crescida em teu calor, de lagrimas regada,  
Que á flor possam banhal-a os raios da alvorada!

**MARIA**

Meu Ruy, não te percebo!

**CONDE**

O riso quebre o gelo  
Dos teus labios. Acorda!... É findo o pesadelo!...

**MARIA**

Ruy...!

**CONDE**

Cala-te, mulher! O maximo perdão  
Illumina a minh' alma ...

*Baixo a D. Funes*

... e rasga o coração!

*Sai-*

## SCENA IX

D. FUAS E MARIA

MARIA

De novas graças cheio o cofre se descerra  
 Sobre a fronte, que eu dobro humilde para a terra!  
 Que vai dizer, padrinho? Eu tremo... e quero ouvil-o!

D. FUAS

Os anjos do Senhor, da noite no sigillo,  
 Ouviram-te a chorar.

MARIA

Os anjos, mais ninguem.

D. FUAS

Co'os anjos e contigo outro chorou tambem

MARIA

O Conde?

D. FUAS

Sim.

MARIA

Pois sabe...? Oh! vergonhal... Oh! miseria!  
 Meu segredo trahiu-m'o a insomnia deleteria!  
 Sabe elle então que sempre, em funda catadupa  
 Rolando o meu pensar, outro o pensar me occupa!  
 Mas não sabe talvez, a' quanto a minha offerta  
 Em dualidade infame o meu pudor desperta!  
 O amor ergueu-me um throno e assalta-me a vertigem,  
 Ao ver no fundo abysmo a treva sua origem!

Agora do remorso enloda-me a peçonha,  
 E se este amor é luz, por isso me envergonha!  
 Minha vida é chorar em magua permanente,  
 Chorar, chorar, chorar, de con ol' lamente!  
 Um filho tive, alivio ás minhas tristes maguas,  
 Astro que vi no céu, perdi ja sobre ns aguas!  
 N'um carvão negro e frio uma centelha corre,  
 E, n'um momento só, fulge, desmaia... e morre!

## D. FIAS

O Conde não quizera, em bodas agri-doce,  
 Unir o nome ao teu, se d'elle indigna fosse.  
 Em terra vil a flor d'ella o perfume arranca,  
 E d'um remorso negro ergue-se um'alma branca!  
 Podem correr no fundo escuro d um aby<sup>m</sup>mo  
 Transparentes, lustraes, as aguas do baptismo!  
 Não mais chores, Maria! O Conde, teu vassallo...  
 Quer o teu filho... .

MARIA

Deus!

## D. FIAS

...trazer-te... e perfilhal-o!

MARIA

Que diz, ó meu padrinho? As lagrimas trasbordem!  
 Oh! deixem-me dormir! Do sonho não me acordem!  
 Viu-me no lodo, abriu-me os braços, enxugou-me,  
 D'ouro e sedas me ornou, vestiu, deu-me o seu nome!  
 E como se obra tal não fôrainda bastante,  
 Porque eu deixei perdido um fulgido brilhante,  
 — Ó coragem do amor, que a toda levá a palmá! —  
 Traz-me o filho do meu peccado e da minh'alma!  
 Padrinho, antes morrer do que acordar do sonho!

D. FUAS

Socega, minha filha, e escuta o que proponho.  
 Se o Conde, um dia, em sim, te viu menos avara  
 Aos rogos seus d'amor, teu pae, que te obrigara,  
 Não sabe, quanta vez, o noivo irresoluto  
 Tive quasi vencido e no ultimo reditó!  
 Depois,... quando te via, adeus tenções, promessas!  
 Se es linda, e foram sempre as leis do amor expressas!  
 Mas, quando assim busquei destruir-te o pedestal,  
 J. sabia quem fôra o auctor de todo o mal.

MARIA

Sabia...! Oh! santo Deus, perdão!

D. FUAS

Vamos, coragem!

MARIA

Mas não pensou, não sabe em que infernal voragem  
 Nos pode mergulhar a dura e justa lei?

D. FUAS

Descança, filha; tenho a palavra d'El-Rei :  
 Mal vai quem se atrever, odiento ou vingativo,  
 Contra o meu filho amado, enquanto El-Rei fôr vivo.  
 Durma Guido tranquillo e o Conde, em vão proteste,  
 Ha de o nome ignorar do amante que tiveste!  
 Socega, minha filha; um dia, cedo, quando  
 Regressar da campanha o victorioso bando,  
 Teu peito ha de apertar o filho por que anceia.

*anima*  
 Inda choras Maria? O amor não te gorgeia  
 Dentro d'alma, assim como um terno rouxinol?

MARIA

Tambem choramos quando olhamos para o sol!

## SCENA X

OS MESMOS, ANTONIA E CONDE

*ANTONIA, entrando pelo braço do Conde*

O mal que me apouquenta, o mal que não me larga,  
 É feito d'impaciencia e de saudade amarga.  
 Irmão, que atroz saudade!

CONDE

É justa, e nos contigo  
 Sofremol-a tambem, do irmão, do velho amigo.

*ANTONIA, deixando o braço do Conde e sorrindo para D. Fuas*

O tio é quem melhor me sabe dar confiança ;  
 Quando o escuto navego em mar todo bonança!

D. FUAS

Que mal receias tu? Não viste a nossa gente?  
 Que exercito ha mais bello, altivo e mais lucente?  
 Não viste, em cada rua, a flor da fidalgia,  
 D'ouro e prata coberta e d'armas à porfia,  
 Galan, guapa e gentil fazer seus caracoes?  
 Pois quantos mil vão lá são tantos mil heroe!

ANTONIA

Serão talvez.

D. FUAS

E El-Rei? Se a barba mal aponta  
 No rosto virginal, por Deus! isso que monta?  
 Vê-lhe a fronte radiosa, o olhar que a lucta inflamma!  
 Pague-lhe a fama em gloria o amor que tem a fama!

Viste a esquadra buscando ao sul praias remotas  
 Sumir-te, ao longe, como um bando de gaivotas?  
 E o sol posto doirava as alto-erguidas velas  
 Das ucas, náus, gales, galeões e caravelas!  
 No arraial da moirama ha terror á chegada!  
 Um só lá falta, um só, mas, contra a canzoada,  
 D. Guido ofluscará co'as mil façanhas suas  
 As d'Orlando, Amadis, Beliánis e D. Funs!

*ANTONIA, rindo*

Quero uma historia nossa, alegre e que me anime;  
 Não quero contos vãos, de todos esqueci-me.

D. Funs

Uma façanha minha? A grande!... A derradeira!

*ANTONIA, imitando os modos marchaes de D. Funs*  
 De quando até chispava o fogo da viseira?

*Rindo*

Conheço-a. Também não.

*Para o Conde e Maria*

Porque heis de andar tão tristes?  
 Mas novas haveis tido, ou noite má dormistes?  
 Algum fogo na herdaide? Arruinaram-se as messes?

*Para Maria*

Porque andas triste?

*Maria*

Ó minha irmã, se tu soubesses...!  
 Se em mim pudesses vêr, dentro em minh'alma acháras  
 A luz que roubo ao sol nas madrugadas claras!

*ANTONIA para o Conde*

E tu?

*Coxim*

Querida irmã, responde-te o meu rosto.

*António, fitando na velha ora em Maria, para o Conde.*  
 E é certo! Teem razão! Nem livros d'um desgostô!

D. Fuas, *muito ressentido*

A est' hora a nossa gente ha feito mais militança,  
 Que Rodamonte ao pé da capital da França!

*Antónia, imitando-lhe o tom*

Silencio!

*Para Maria*

Vai nascer-te um filho!... Eis o motivo  
 D'essa estranha alegria.

Maria

Oh! sim! que até râivo!

*Para o Conde*

Vê que estrella será, pois que,inda na penumbra,  
 So co'o vivo arrebol todo o meu céu deslumbrá!

*Conde, para Maria*

Depois, quando homem for, e doce, unico amparo  
 Da velhice dos paes, no nosso amor tão caro  
 Dirás como foi bello este nascer da aurora!

Antónia

Um filho! Um filho nosso...! Ai, quem m'o deria agora!  
 Valente como o pae, bulhento, audaz, traquínio,  
 Muito incigo co'a mãe, terror entre as meninas...  
 Cada qual a fugir, gritando: — «quem me acode!»  
 Um lindo militar, D. Fuas sem bigode!

D. Fuas

Espera que inda é tempo.

ANTONIA

Adoro as criançinhas,  
 Chilreando em doce ninho, alegres andorinhas!  
 O halbuciar d'um nome, os seus primeiros passos  
 Incertos, quando veem cahir em nossos braços!  
 O olhar que a noite apaga e cerra no conchego  
 Da luz d'um outro olhar! Beatissimo socego!

CONDE

Alguma certo amou quem d'ellas tão bem fala!

ANTONIA

E primeiro pensei que havia de odial-a...  
 Porque t'o hei de esconder:... Um filho do meu Guido.

MARIA, com surpresa e subitamente interessada

Ah!

CONDE, ironicamente repreensivo

Mas então não foi tão santo o teu marido!

ANTONIA

Se foi santo?... Olhae quem! Mas fôra até peccado  
 Deixar por esse mundo o triste abandonado!  
 Ralhei muito, chorei, queixei-me da miseria,  
 E a prenda recebi, trombuda e muito séria!  
 Mas era tão gentil, que presto me consólo,  
 E logo n'essa noite o adormeci no colo!

CONDE

Era o perdião!

ANTONIA

Cresceu. Palrava muito. Um dia  
 Chamou-me sua mãe! Pobre innocent...! E ria  
 Ao ver nos olhos meus das lagrimas o brilho!

Côns.

Morrerà a mãe?

ANTONIA

Não sei; morrerà para o filho!

D. FIAS, tentando deviar a conversação, com ironia  
 Se triste principia a tal conversação,  
 Eu protesto ou desato a cantar cantochão!

MARIA, supplicante

Deixe-me ouvir, padrinho!

ANTONIA, abraçando Marta pela cintura e sentando-a junto d'ella

Eu propria lhe encontrei  
 A appellidar-me assim n'essa harmonia cara :  
 Mas quando, em mim fitando os olhos, co'um sorriso,  
 Os braços estendendo aos meus, lindo, indeciso,  
 Innocente, lhe ouvi dizer-me *minha mãe*,  
 Julguei ter feito um crime, estar roubando alguém!

Côns.

Que santo coração!

ANTONIA

Pois se aprendi contigo!  
 Mas quasi merecia esse apelido amigo.  
 Benta culpa de amor, que assim me foi doando  
 Um anjo para amar!... Meu Fernando!

MARIA, encerada

Fernando!

ANTONIA

Foi crescendo entre nós. Amava-o, elle adorava-me!  
 Ensinhei-lhe a rezar pela outra, a tal nem nome.

Punha-se o céu mais claro ao vel-o andar sorrindo.  
 E crescia robusto, alegre, meigo e lindo!  
 Com seu pae talvez fosse a semelhança pouca...

*Ajorando-se em Maria*

Talvez comtigo mais,... nos olhos, sim... na bocca...  
 Um anjo, como Deus ao mundo não consente!  
 Adoeceu, faz um anno agora, gravemente...

MARIA, com um grito de dôr

Meu Deus!

*Conde, afficto*

Que tens, Maria?

D. F. *Fuas, para Antonia, bruscamente*

És tu que assim consternas  
 A tua pobre irmã, contando historias ternas.

*Conde, para Maria*

N'esse estado, ... e hoje... ouvir...!

*Para Antonia*

Cala-te, minha tonta!

*Maria, supplicando*

Deixem-me ouvir!... Se eu quero ouvir!...

*Anciosamente*

Conta, irmã,... conta!

*Conde*

Maria!

*Maria*

Por piedade!

*Antonia*

Atroz doença aquella!

As noites que passei, longas, crueis, de véi,  
 Ao pé do berço, doida, a afugentar a morte,  
 Em brados exhortando a Deus que me conforte!

Co's face junto à d'elle, a febre, que o abrasava,  
 Sentia-a no meu rosto igual à ardente lava.  
 A cabeça a bulir, n'um menear d'agoiro,  
 Roçava pelos meus os ~~seus~~ cabellos d'ouro.  
 Luctámos contra a febre em continuado assédio.  
 Uma noite acordou melhor... Dei-lhe o remedio...  
 Conheceu-me, sorriu-se... e adormeceu tranquillo.

MARIA

Era salvo!

CONDE

Inda bem!

D. FERNANDO

Contou-nos tudo aquillo  
 Com vista ao nosso applauso!

*Tara Antonia, bruscamente*

Antonia, Deus te ajude!

ANTONIA, tristemente

A sabida e cruel visita da saude!  
 Já cançada da luta, ao fim de tantas horas,  
 Adormecéra ali, confiada nas melhores.  
 De repente estremeço...! Acorda-me um rugido...!  
 Ergo-me em pé, tremendo!... Olho!... Deus! Vejo Guido  
 Dobrado sobre o leito, aos gritos, como um louco!  
 Pobre Fernando! Estrella erguida e morta em pouco  
 Tinha impressa na face a morte em todo o horror!  
 Os olhos já sem brilho...! Os labios já sem côn.  
 Chorando, agarro-o assim...

*Abraça-se a Maria*

Nos braços meus o estreito...

A cabeça vergou... Morreu... sobre o meu peito...

*Maria deixa cair a cabeça sobre o peito de Antonia e desmaia.*

D. FIAS, *approximando-se e vendo Maria desmaiada*  
Meu Deus!

ANTONIA, *sobressaltada, ofegante, erguendo a cabeça de Maria*  
Maria!

D. FIAS  
Vês? A historia continua!

CONDE

Maria!

ANTONIA

Santo Deus!

D. FIAS

Que doida historia a tua!

### SCENA XI

OS MESMOS, GASPAR E CATERINA

GASPAR, *entrando com Caterina*  
Ouvi gritar...!

CATERINA

Que foi?

D. FIAS, *apontando para Antonia*

So culpa d'esta gralha...!

Para Gaspar

Um desmaio tão so.

CATERINA

Nosso Senhor nos valha!

D. FIAS, *procurando acalmar Gaspar e o Conde*  
Neste estado é vulgar.

**ANTONIA**

Meu Deus!... Se vivinh...

**GASPAR**

Minha filha!

**D. FERNANDES**

Já passa; a cõr já volta á face!

**CONDE, de joelhos aos pés de Maria**

Ó minha esposa, acorda! Escuta, que te imploro!  
Já volta a si...! Maria!

**MARIA, acordando**

Ah! Ruy! Como eu te adoro!

*Lança-se nos braços do Conde, beijando-o*

**D. FERNANDES**

Vamos, Gaspar, Antonia, ao quarto acompanhaes-a,  
*Tira Caterina*

E, como prevenção, se inda outra vez desmaia...  
Ao phisico vai tu,... que venha muita asinha.

*Caterina sae correndo. Gaspar e Antonia sahem amparando Maria*

**GASPAR**

Minha filha!

**ANTONIA**

Maria...! A culpa foi só minha!

## SCENA XII

D. FUAS E CONDE

CONDE

D. Fuas, vai nascer o dia por que almejo!

*Abracazdu-se commovido a D. Fuas*

Maria deu-me agora o seu primeiro beijo!







## ACTO V

A mesma vista do 4º acto

### SCENA I

CATERINA E ANTONIA

*Encontram-se na sala, Caterina vindo de fora, Antonia dos aposentos de D. Funes, a esquerda.*

ANTONIA

Que novas, Caterina?

CATERINA

Ai, tristes, sempre as mesmas!

ANTONIA

Ouvi gemer de noite as negras aventesmas,  
Funestas esvoaçando em torno d'esta casa!

*Dolorosamente*

Oh! meu Guido!

CATERINA, abraçada, chorosa  
Senhora!

ANTONIA

Ate que Deus lhe apraga  
A duvida acabar, que duvida nos fere!  
Que ouvistes mais d'El-Rei?

CATERINA

Mais nada se refere.  
Em Alcacer-Kibir ficou morto ou captivo.

ANTONIA

De mim propria não sei se morta estou, se vivo.  
As iras do Senhor o pranto nosso abrande!

CATERINA

E o senhor Conde?

ANTONIA

E' como um doido...! O mal é grande...  
E a culpa é minha! Viste a angelical Maria  
No delirio medonho, as frazes que gemia...!  
E o Ruy co'os olhos n'ella, areados, pertinace,  
Como a ver se aclarava o enigma d'essas frazes.  
Que mal hão feito a Deus, que tão cruel licera  
No ventre maternal o filho que lhes dera...?  
Ah! como tudo agora á magua nos convida!  
N'elles o filho morto ind'antes de ter vida.  
Em mim saudade, em ti... Vejo as lagrimas tuas!  
E meu tio a expirar...!

CATERINA

Pobre senhor D. Fuias!  
Co'os demos arde em sim quem todo o mal nos trouxe!

ANTONIA

Que dizes Cuterina?

CATERINA

Esse elixir não fosse  
 Invento d'um marrano...! A Deus já foi dar contas  
 O goorento judeu que nos cuspia affrontas.

ANTONIA

Beltrão...?

CATERINA

Sim. Deu-lhe o mal, caiu sobre a fogueira;  
 A Sancha ao lado. Os dois, não falta quem lhes queira,  
 Pois nunca na charneca houveram sem estorvos  
 Banquete equal áquelle os lobos nem os corvos.

## SCENA II

OS MESMOS, CONDE E MARIA

*Ma la muito pallida, caminhando vagarosamente, entra amparada pelo Conde*

ANTONIA, indo ter com Maria

Vaes melhor?

MARIA

Sim, melhor. E o meu padrinho, irmã?

ANTONIA

Só teve algum descânço agora de manhã.  
 Passou mal toda a noite, aos gritos ou gemendo,  
 Em doidas convulsões ou n'um delírio horrendo.  
 O veneno é cruel e sua ardencia tanta,  
 Que a mesma agua o desperta e o lume na garganta.

*Claire*

Feliz D. Fuas! Deus poupou-lhe a desventura  
De ver que funda magua as almas nos tortura.

*Maria*

Se era um santo, e Deus quer premiar-o inda na terra!  
No delirio em que fala!

*Antonia*

Em glorias só, na guerra!

*Maria*

O meu santo padrinho! Ha de morrer sonhando  
Como viveu no mundo!

*Antonia, com ternura*

E's tão bondoso! Quando  
Injusta a desventura agora te alanceia,  
Olvidas o teu mal pela desgraça alheia!  
Deus velará por ti.

*Caterina*

Por todos nós, se é justo,

*Cosme*

Amen.

*Maria*

Tu, Caterina, aos pés do throno augusto,  
Resa por nós, tu que es tão simples! Vem comigo,  
Quero beijar a mão d'esse infeliz amigo.

*Sae amparada por Caterina para os lados das representações de D. Fuas.*

## SCENA III

CONDE E ANTONIA

*Conde, solernamente, como falando consigo*

Lodo, aborto, embrião d'um sonho afortunado,  
 Que apodrece onde quer, fóra do chão sagrado!  
 Minh'alma, tu que ouviste as harpas desferindo  
 O som divino em mãos d'um anjo malavindo,  
 Agora, como o vento em frinhas d'uma porta,  
 Conta só ruina e dôr, triste alma semi-morta!

ANTONIA

Irmão, Deus quer assim punir-nos. Seja feita  
 A divina vontade.

CONDE

O espectro que tregeita,  
 A rir-se toda a noite ...! Ah! sorte minha! Invejo  
 A vibora que morde e os sapos vis do brejo!  
 Oh! dá-me a tua sciencia, ó filho d'Asmodeu,  
 Bicho immundo, Beltrão, miserrimo judeu!

ANTONIA

Respon por elle. A Deus já foi dar contas.

CONDE

Morto...!  
 Veneno a que a minh'alma ia pedir conforto !  
 Mais ento... se El-Rei vive!....

ANTONIA, *com favor*

Enlouqueceste!

*Cossa, detrás!*

*Inferno!*

Possa o mundo arrastar à treva onde me internar!  
 Nuvens, tapae-me o sol! Descei, lamintos curvos!  
 Fartae, chacaes, no sangue em demorados sorvos!  
 Demonios, ide ao céu roubar milhões de raios!  
 Rei, fidalgos, irmãos,... demonios, e mago-e-o!

*ASTORIA*

Contra Deus, contra mim, peccante, irmão blasphemou!

*Dolorosamente*

Guido! meu Guido!

#### SCENA IV

OS MESMOS E D. GUIDO

D. Guido assoma a porta. Vem esfarrapado; tem na testa uma grande  
*trontri*; mal fechada, a barba crescida, uma mecha de cabelo a brilhar.

D. Guido, a porta

Antonia...!

ANTONIA, cahindo nos braços de D. Guido com um grito de alegria

Oh! jubilo supremo!

Ficam longo tempo abraçados.

CONDÉ

D. Fuas morre alegre!

ANTONIA

E' o meu Guido!... Esposo!

Vida da minha vida!

D. Guido

Antonia, enfim repousó!

Tão feliz ora sou, quanto de graçado fui!

ANTONIA

Renaço à vida!

*Paus e Cravos*

Irmão, vem abraçal-o.

D. Guido

Ruy!

CONDE

Guido!

D. Guido

Quero abraçar-te. Ai, quanta vez inquieto  
Pulou meu coração com fraternal affecto!

Conde, abraçando-o

Agora pulsa o meu com fraternaes arrancos.

ANTONIA

Que funda cicatriz! Veem teus cabellos brancos!

D. Guido

Sofri tanto! Só poz um termo ao meu fadario  
Ver alvejar ao longe o nosso campanario!

CONDE

Trahiu-te o coração! Teu velho tio...

D. Guido, assustado

E' morto...?

ANTONIA

Inda o sol ha de ver antes de entrar no porto,

Onde o Senhor concede aos seus a paz bemquista.  
Se em teu peito expirar, da terra os céus avista!

D. Gento

Tudo ignora da guerra?

Contra

E em sonhos se recreia

D. Gento

O' nobre cavalleiro, é Deus quem te premeia!  
Vaes morrer, meu bom velho, e sem talvez suppiora  
Que vergonhas pussei, que lastimas, que horrores!  
Quasi ao fim da batalha,achei-me junto ao rio.  
O escudo já perdido, a espada já sem fio.  
Quiz vender cara a vida e a força abandonou-me!  
Não, cobarde não fui, não quero um tal cognome!  
Cahi, banhado em sangue! E mais... depois... não sei...  
Passei talvez por morto. Alta noite, acordei.  
Ardia em febre... Fui de rastos beber agua.  
Horror!... Sabia a sangue! Oh! dor!... Profunda morsa!  
Mas n'isto, ouvi falar em castelhano...! Ergui-me.  
Perdõe-lhes Deus clemente o detestavel crime  
Dois renegados! E eu, que só pedia a morte,  
Achei n'elles conforto e do da minha sorte!  
Deram-me agua e dois pães. Fugi. De dia occulto,  
Só caminhava á noite. Arzila avisto!... Exulto!  
Milagre! Pude entrar! A vossa ardente prece  
Aos céus voou! Minha alma aqui vos agradece!

Antuña

Doidas visões de gloria onde parsem

D. GUÍDO

Em ruina,

Ao sopro assolador da punição divina!  
 Longos dias, ao sol, pisando um chão de lume,  
 Caminhámos com fé, sem laivos d'um queixume.  
 Formada em meia lua a gente moira espera.  
 Quantos mais, e mais pura a gloria se obtivera!  
 Investindo co'ardor, bradavamos: — «Victoria!»  
 Um brado só: — «Ter! ter!» mostrou-nos que illusoria  
 Persuasão nos levára aos campos dos Algarves!  
 Gente bisonha e pouca entre milhões de alarves!  
 Cercada, sempre em lucta, á doida, sem commando...!  
 A cada moiro em terra aos mil vinham brotando!  
 Põe fogo uma faísca ás munições...! O estrondo  
 Da polvora é medonho, á confusão dispondo!  
 Ah! ver assim nas mãos d'um perro sem temor  
 A bandeira que ostenta as chagas do Senhor!

CONDE, anciósamente

E El-Rei?

D. GUÍDO

Pouco antes de eu cahir pude inda vel-o,  
 As mãos em sangue, o rosto em brasa, hirto o cabello!  
 Tres vezes investiu, deixou quatro cavallos  
 Mortos no campo, surdo á voz de seus vassallos.  
 Pediram-lhe a chorar que se rendesse aos moiros...  
 Perguntou-lhe um de nós, chovendo mil peloiros:  
 — «Que faremos que em dói tamanha nos conforto?»  
 E El-Rei disse: — «Morrer!»

CONDE

E em busca foi da morte?

D. GUÍDO

Como um suicida? Não! que tão leal soldado!

Já mais deu pela pátria um sangue mais honrado,  
El-Rei disse: — «Morrer!» e forte, ao ver chorar,  
Accrecentou depois: — «Morrer!... mas de valer!»  
E lá se foi, correndo, ou do, pelo cerro,  
Abrindo larga ranha entre o areado perro!

## ANTÔNIA

Ah! nobre sangue altivo! Alma de heroe! Criança  
Em cuja frente o loiro à flor do liz se entrôna!

## CONST.

Mais novas não tiveste?

## D. GUILHERME

Amargas tive, quando  
De Lisboa parti, que lá ficou chorando.  
E' morto El-Rei!

## CONST., arrebatadamente

Porfum!

## D. GUÍLDO

A pátria moribunda  
O inferno a encheu de luto, o céu de gloria a inunda!  
Com teu sangue immortal gravaste o nome agora!  
África é vasto livro, o sangue é cor da aurora!  
Deu-te ingresso na morte um arco triumphal!  
E que importa morrer? Que importa, o Portugal?  
De rastros, nuncal... Livra a nitida mortalha  
Da poeira do chão, do escarro da canalha!

## ANTÔNIA

A minha vida é tua, é minha a tua vida!  
Veras como entre nós encontra a paz guarida.

D. G.

Ó minha Antonia, és como a estrella que fulgura  
Quando a nuvem se rasga em tempestade escura!

Conde, abraçando-o

Em meus braços te acolhe e a tua dor modera!  
Meu pobre irmão, descança. A paz aqui te espera!

## SCENA V

OS MESMOS, UM FAMILIAR DO SANTO OFFÍCIO, UM MEIRINHO  
E QUATRO ALGUAZIS

O FAMILIAR, à porta

Senhor Conde.

Conde, admirado

Senhor!

O FAMILIAR

Ordens d'El-Rei.

Conde

Mas qual?

O FAMILIAR

D. Henrique primeiro, El-Rei de Portugal.

Conde

Fale, senhor.

D. Góis, aterrulado, baixo a Antonia

Antonia, esse homem negro...!

## O FAMILIAR

Ouvi-me.

Sou familiar do Santo Officio. Impune o crime  
 Não quiz Deus que ficasse. El-Rei dá cumprimento  
 Tão submisso ao dever, qual fôra ao juramento.  
 Mas sendo o reu parente e amigo vosso, ordena  
 Que vós sómente ao crime applicareis a pena,  
 Ou perdoareis ao reu. Cumprido o meu recado,  
 Eis a carta d'El Rei. Castigue-se o culpado.

*Entrega uma carta ao Conde.*

D. Guido, arrebatadamente, para o Conde

Não leias essa carta!

Conde

E' d'El-Rei, meu Senhor.

ANTONIA

Virgem santal

Conde, lendo baixo, apenas pronunciando alto uma ou outra palavra

—D. Guido... audaz crime d'amor...

Judaíssou...!»

D. Guido

Por Deus! irmão, por Deus! Não leias!

Conde, serenamente

Estás em minha casa. Então que mal receias?  
 Pois não remiste a culpa, expondo a vida às lanças,  
 Em terra d'intícios, martyr, se a morte alcanças?

D. Guido

Confesso a culpa! Quero a morte!... Por piedade,  
 Dá-me essa carta, Ruy...! Não leias!...

ANTONIA

Ninguem ha de  
Culpar-te aqui, meu Guido!

CONDE

El-Rei deixa ao meu voto  
O castigo ou perdão d'um crime tão remoto.  
Trahir-te...! Em minha casa...! Offende um tal doestol  
*Voltando-se para o familiar*  
Decerto El-Rei não quer...

O FAMILIAR

Mas, Conde, lêde o resto.

D. Guido, abraçando-se a Antonia  
Oh! meu Deus!... Minha Antonia!

CONDE, continuando a ler

«Assim poude infamar...»

D. Guido

Perdão! Perdão!

CONDE

... «Maria,... a filha de Gaspar...!»

*Deitando fora a carta*

Ah!... finalmente!

*Para D. Guido*

Infame!

ANTONIA

Esposo, o que fizeste!

CONDE

Puderas bem morrer, cobarde não quizeste!

E agora tremes, cão, do lume que te aguarda!  
 Alma em gírias fúndas, em brio alaud-bastarda!  
 Tu que assim dehonraste a casa em que te hospedas,  
 Com seu brio dominado ateaste as labaredas!  
 Mataste o filho meu! Para chorar é tarde!  
 Nas chamas, acelerado, has de morrer... cóbardo!

D. GEMA, gritando

Ruy!... Ruy!

D. FERNANDA

Guido!

D. GEMA

Meu Deus!... Ah! paixão velho!

ANTÔNIO, ajoelhado

Irmão!

Por esse que ali morre... acorda o tuo perdão!

## SCENA VI

OS MESMOS & MARIA

Maria, entrando, grita

Socorro, que eu não posso...! Ouviu-vos... No delírio...  
 Como um raio de luz...

Cosme

É findo o seu martyrio,  
 O meu findou tambem! Teu velho amor, Maria,  
 Accende uma fogueira!... Ha sol!... Já nasce o dia!

MARIA

Senhor!... Misericordia!

CONDE

O nosso algoz, mulher,  
O algoz do nosso filho!

Sobrepõe-te

É Deus que assim o quer!

## SCENA VII

OS MESMOS E D. FUAS

*D. Fuas, com o rosto cadaverico, e os olhos encorvados, mal arrastando as pernas, avança à porta da sala, onde para e d'onde fala a D. Guido.*

D. FUAS

Salve-te Deus, sobrinho!

D. GUILDO

Oh! dor!... Cruel instante!

*Correndo para D. Fuas que abraça e conduç; amparado nos braços  
Meu tio!*

D. FUAS

Estás ferido...! Aqui! Mas por diante!  
Ampara-me, sobrinho, e conta-me a victoria.

D. GUILDO

Fomos dignos de vos, dignos de eterna historial

## D. FIAS, delirante

Gente ousada, corre! Victoria! . . Olá, canalha!  
 Baixa e soez, deserta o campo da batalha!  
 Sus! É dar-lhes sem dó! No chão rojam-se os sapatos!  
 Foge o moiro pendão desfeito em mil farrapos!  
 Pendão das quinas, salve! A tremular, jucundo,  
 D'Arzila ao Cabo vêm, ensombra meio mundo!  
 De par em par abriste à glória novas portas!  
 Comtigo a fé christã, comtigo a luz transportas!  
 Ó lusa gente, heroes...! Às armas, sentinelas...!  
 Bradae victoria ao céul Soprae nas charamellas!

*Exhausto de forças, rouco, co'as pernas fraquejando, cai sobre uma cadeira, desmaiado. Antonia, Maria e D. Guido ajoelham junto d'elle*

## CONDE, solitariamente

Invejo, vencedor, as glórias do vencido!

## O FAMILIAR, avançando

Senhor Conde...

*Conde, rendo que D. Fias abre os olhos, impondo silêncio ao familiar*

Inda não.

## D. FIAS, expirante

Maria,... Antonia,... Guido...  
 A gangrena já sobe... Amei de mais!... Vós, Conde,...  
 Aqui... todos... A morte nos olhos meus esconde  
 Os vossos rostos!... Patria, adeus! Morro sem laivos  
 De vergonhal... Vós... sois irmãos... Irmãos,... amae-vos!  
 Se fordes bons, vereis que é bom tambem... morrer!

*Antonia e Maria ficam de joelhos junto ao cadáver de D. Fias. O Conde e D. Guido erguem-se lentamente*

O familiar, para o Conde

Ordene.

MARIA

Ruy!

ANTONIA

Meu Ruy!

CONDE, para o familiar, apontando para D. Guido

Cumpri vosso dever.





## ERRATAS

---

Na página 16 verso 21 onde se lê — d'uns — leia-se — d'esses.  
• • 47 • 9 • • — novo — • — nono.



ACABADO DE IMPRIMIR  
AOS 23 DE NOVEMBRO DE 1895  
NA IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA  
RUA DO NORTE, 91  
LISBOA





## BIBLIOTECA DRAMÁTICA — «REVISTA THEATRAL»

Peças publicadas:

Nº 1 — Saltimbancos, drama em 4 actos, original de António Estrela, com o retrato do autor.	500
Nº 2 — Parisão conquistado, drama em 4 actos, original de José Lopes de Mendonça.	500
Nº 3 — Cláuse com cláuse se paga, comédia em 3 actos, original de Ruy Belo de Lima Júnior.	500
Nº 4 — Juçunda, comédia em 3 actos, original de Aluízio Barreto, com o retrato do autor em folha separada.	500
Nº 5 — Alfonso e Kibir, drama histórico em verso, em 2 atos, original de D. João de Castro, com o retrato do autor em folha separada.	500

Todos preços abrindo direitamente para custas de correio, ades de correspondência e remessa da REVISTA THEATRAL.

## A REVISTA THEATRAL

contém a publicação quinzenalmente, dando preços que correspondem à pena de 50 paginas em R\$ 500. As lâminas são oferecidas gratuitamente aos que fizerem uma Biblioteca Dramática, de publicar o SALTIMBANCO, o PARAIRO CANOFUSADO, a CLÁUSE COM CLÁUSE SE PAGA, a JUÇUNDA, e o ALFONSO E KIBIR.

Assinamento: 10.

RUA DO CARMO, 76, 2<sup>o</sup> — LISBOA



carlos







